



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- IH
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL-SER

DAVI DE CARVALHO MALHEIROS – 09/92747

DA DEBÂCLE NEOLIBERAL À HIPÓTESE COMUNISTA

Brasília, DF
2012

DAVI DE CARVALHO MALHEIROS

DA DEBÂCLE NEOLIBERAL À HIPÓTESE COMUNISTA

Monografia apresentada no Curso de Serviço Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dr. Newton Narciso Gomes Júnior.

**Brasília, DF
2012**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 DIVISÃO DO TRABALHO E APRESENTAÇÃO DA HIPÓTESE E DO PROBLEMA.....	6
1.2 METODOLOGIA	8
2 OS MUROS IDEOLÓGICOS DA NOSSA ERA	9
2.1 O DISCURSO DA PÓS-MODERNIDADE E AS FORÇAS POLÍTICAS DO NOSSO TEMPO: A ESQUERDA LIBERAL E O DISCURSO PÓS-MODERNO.....	9
2.2 O DISCURSO PÓS-MODERNO E A EXTREMA-DIREITA: O CASO HAIDER	12
2.3 O DISCURSO CONSERVADOR TRADICIONAL: “A GUERRA AO TERROR” ...	14
2.4 RECAPITULANDO: A IDEOLOGIA COMO FALSA CONCEPÇÃO DA REALIDADE.....	17
2.5 OS MUROS ECONÔMICOS DA NOSSA ERA	19
2.5.1 O neoliberalismo no mundo: Características e Histórico.....	19
2.5.2 Há um capitalismo pós-moderno?	23
2.5.3 Crise econômica e Neoliberalismo: os signos da ruína	25
2.5.4 A crise econômica: retornando à Marx.....	26
3 OLHANDO ATRAVÉS DOS MUROS: O DESPERTAR DA HISTÓRIA.....	28
3.1 PROTESTOS IMEDIATOS OU ÉMEUTES IMMÉDIATES (TRADUÇÃO LIVRE DE RESPONSABILIDADE DO AUTOR)	28
3.2 PROTESTOS HISTÓRICOS OU ÉMEUTES HISTORIQUES (TRADUÇÃO DE LIVRE RESPONSABILIDADE DO AUTOR)	29
3.3 O FIM DO PERÍODO DE INTERVALO	30
3.4 VERDADE, EVENTO E IDEIA	31
3.5 OS CONCEITOS DE <i>OBJETOS IDENTITÁRIOS</i> / <i>NOMES SEGREGADORES</i>	35
3.6 O CONCEITO DE VERDADE POLÍTICA EM BADIOU	36
4 RECAPITULAÇÃO CONCEITUAL.....	39
4.1 A HIPÓTESE COMUNISTA NA ATUALIDADE E A URGÊNCIA DA IDEIA COMUNISTA.....	42
4.2 O PROCESSO DA IDEIA COMUNISTA: O ELEMENTO POLÍTICO	45
4.3 O ELEMENTO HISTÓRICO	45
4.4 O ELEMENTO SUBJETIVO.....	46
4.5 CONSTRUINDO A IDEIA COMUNISTA	47
4.6 A IDEIA COMUNISTA: REALIZAÇÃO DO COLETIVO COMO VERDADE	50
4.7 OS HORIZONTES DA IDEIA COMUNISTA.....	53

5 CONCLUSÃO: A HIPÓTESE COMUNISTA COMO ALTERNATIVA AO CONSENSO DEMOCRÁTICO-LIBERAL E AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	55
5.1 O TRAJETO ATÉ A HIPÓTESE: REAPRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E A DISCUSSÃO ACERCA DA HIPÓTESE LEVANTADA.....	57
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

[...] Le 11 de septembre 2001, les twin towers furent abbatues. Vingt ans plus tôt, le 9 de novembre 1989, tombait le Mur de Berlin. Le 9 de novembre annonçait les <<heureuses années quatre-vingt-dix>>, le rêve de la <<fin de cavait, en principe, gagné, que la quête était terminée, que l'avènement d'une communauté globale mondiale libérale était à portée de la main, que les obstacles de ce *happy end* hollywoodien n'étaient qu'empiriques et contingents (des poches locales de résistance dont les chefs n'avaient pas encore compris que leur temps était compté). En contraste à tout cela, le 11 de septembre est le principal symbole de la fin des heureuses années Clinton, le symbole de l'ère à venir, celle de l'apparition, partout, de nouveaux murs, entre Israël e la Palestine, aux frontières de l'Union européenne, à la frontière américano-mexicaine. La perspective d'une nouvelle crise globale se fait sentir: effondrements économiques, catastrophes militaires et autres, états d'urgence [...] ¹ (ZIZEK, 2007, p.155).

De tempos em tempos as contradições da história se reúnem e com contornos de drama anunciam o despertar do tempo presente. Os defensores do capitalismo de imediato, nos anos 90, afirmaram que a deblâcle dos Estados comunistas representaria a vitória do capitalismo e a glória dos tempos que viriam. Zizek (2007) demonstra, por meio de suas palavras, que a aventura neoliberal dos anos 90 não durou muito. Aparentemente o fim da história, tão propagandeado pelos pensadores neoliberais, não durou mais que uma década. E ao invés de um retumbante fim, a história parece encontrar no 11 de setembro seu recomeço, sua reabertura. Os muros que Zizek (2007) menciona foram reconstruídos sob a égide da economia de mercado, do Estado mínimo, da ideologia neoliberal. Sendo assim, é primordial que se reflita sobre essa nova temporalidade inaugurada a partir do processo que se desencadeou no 11 de setembro e que desta vez não envolve a queda de muros, mas a construção de novos. Resta também saber o que é que esses muros escondem e como olhar através deles afim de que se encontrem caminhos para além dos mesmos.

Os muros erguidos na esteira da restauração capitalista nos ex-países comunistas e do processo neoliberal nos países ocidentais escondem muito mais que o desemprego em massa nos países centrais do capitalismo e a miséria gritante advinda da superexploração da força de trabalho nos países da periferia do Sistema. Tais muros trazem em seus domínios questões

¹ Em 11 de setembro de 2001, as torres gêmeas foram abatidas. Vinte anos mais cedo, em 9 de novembro de 1989 caía o muro de Berlim. O 9 de novembro anunciava “os felizes anos 90”, o sonho “do fim da história” de Francis Fukuyama, a crença de que a democracia liberal tinha, em princípio, ganhado, que a busca estava terminada, que o futuro de uma comunidade mundial global liberal estaria ao alcance das mãos, que os obstáculos a esse happy ending hollywoodiano eram apenas empíricos e contingentes (bolsões locais de resistência onde os chefes não haviam ainda compreendido que seu tempo estava contado). Em contraste com tudo isso, o 11 de setembro é o principal símbolo dos felizes anos Clinton, o símbolo da Era que viria, a Era da aparição de novos muros entre Israel e a Palestina, nas fronteiras da União Europeia, na fronteira mexicano-americana. A perspectiva de uma nova crise global se fez sentir: crise econômica, catástrofes militares e outros estados de urgência.

ideológicas, políticas e econômicas que traduzem a essência da crise nos confins do Sistema. Os muros que escondem a crescente miséria e superexploração são os mesmos sob os quais se assenta o pretenso consenso da democracia liberal. São também os mesmos muros que ocultam a farsa ‘da esquerda liberal’ em sua infame tentativa de se conciliar o inconciliável, a democracia e o capitalismo. Assim, o mister de se compreender o tempo presente, em que a história se desperta para dar lugar ao renascimento da crítica ao Sistema, é a tarefa de fazer com que caiam esses muros e junto com eles aqueles que os mantêm de pé.

Acerca do consenso liberal que torna possível a manutenção da ordem de opressão e miséria do capitalismo, Zizek (2007) nos brinda com uma reflexão que demonstra como que, mais além de referendar a ordem capitalista, o consenso liberal também acaba por reiterar que o novo, a possibilidade da transformação, estão definitivamente fora da ordem do dia. Trata-se aqui não apenas da afirmação do status quo, mas também da negação da possibilidade do novo. Zizek (2007, p.96, tradução nossa) descreve muito bem esse quadro ao dizer que:

[...] A fidelidade ao “consenso democrático” significa a aceitação do consenso liberal-parlamentar atual que foge à todo questionamento sério sobre a maneira na qual essa ordem liberal-democrática se torna, por um lado, cúmplice do fenômeno que condena oficialmente e foge, por outro lado, a toda tentativa séria de se imaginar uma sociedade onde a ordem sociopolítica seria diferente [...].

A partir das palavras de Zizek (2007) se pode concluir que o consenso em torno do liberalismo e de sua forma democrática é fabricado a partir de uma matriz que visa afirmar a inevitabilidade do capitalismo e da democracia e a impossibilidade real de outras alternativas. Diz Zizek (2007, p. 96) que, diante desse quadro de se imaginar o capitalismo como destino inevitável da humanidade “*tout est donc autorisé, et même sollicité, comme sujet de critique*”² e, ao menos que não se perturbe o consenso estabelecido, tudo se torna possível. E é justamente esse consenso que deve ser superado à fim de que se possa pensar uma alternativa, um outro futuro possível. Os muros aos quais se faz menção no início não são de maneira nenhuma insuperáveis e essa é, como veremos mais adiante, a tarefa do nosso tempo. Mostrar que se pode olhar além desses muros, almejando por conseguinte uma outra ordem societária.

A questão do consenso em torno da democracia capitalista passa por um importante conceito introduzido pelo filósofo Alain Badiou. Diz Badiou (2009, tradução nossa) em um artigo escrito para o jornal *Le Monde* que “Como o filme mostrou, o fetiche democrático não passa de um zeloso serviço prestado aos bancos. Seu verdadeiro nome, seu nome técnico, eu o proponho faz muito tempo, é: Capitalo-Parlamentarismo”. Slavoj Zizek (2007, p. 103) também contribui para desvendar o fetiche da democracia capitalista e identifica o que ele

² Tudo está autorizado, e mesmo solicitado, como sujeito de crítica.

chama em “*Que veut l’europe*” de “*la forme politique du capitalisme (la démocratie libérale parlementaire)*”³. Sendo assim, à partir desse conceito se pode afirmar o capitalismo-parlamentarismo como o fetiche democrático próprio ao sistema capitalista. Em essência, busca-se não mais que estar a serviço dos bancos e por conseguinte do sistema e por isto, então, falar em fetiche, democracia que jamais chega a se materializar de fato.

Assumo aqui, que o fetiche da democracia é sinônimo da democracia capitalista, isto é, a democracia nos marcos do sistema capitalista e o fetiche e a mistificação que daí derivam e que obscurecem as incongruências tanto da democracia enquanto sistema político que funciona sob a égide do capitalismo. É importante frisar, assim, a intrínseca relação existente entre capitalismo e a democracia que é praticada atualmente e que, segundo Badiou (2009) demonstra em seu artigo, está a serviço dos bancos e consequentemente do sistema capitalista e suas relações de exploração.

Se passará, em seguida, a uma apresentação do problema e da hipótese a ser comprovada, além da apresentação da divisão do presente trabalho monográfico.

1.1 DIVISÃO DO TRABALHO E APRESENTAÇÃO DA HIPÓTESE E DO PROBLEMA

O trabalho terá como ponta de lança, isto é, base fundamental o pensamento marxista e marxiano. A análise estará permeada por uma busca por se desvelar a essência das manifestações da realidade em sua forma mais contraditória, procurando-se chegar aos meandros daquilo que caracterizam os fenômenos sociais: o movimento da dialética. Sendo assim, se fará uso da dialética como horizonte interpretativo, se lançando mão do recurso da história, o que conforma finalmente o método do materialismo-histórico dialético. Por meio do supracitado método se procurará percorrer o trajeto até a Ideia comunista e a hipótese comunista através dos constructos sobre os quais se fará menção mais adiante.

Quanto à escolha do 11 de setembro como marco esta se deu devido a caracterização que Žižek faz desse momento como sendo aquele em que os anos da aventura neoliberal dos anos 90 começaram a ruir. A crise da ideologia dominante e a constatação da existência de muros são os sinais da ruína que se iniciava à partir do evento do 11 de setembro. Žižek (2011) discute igualmente o fato de que a crise ideológica não se concomitantemente a crise econômica cujo marco sintomático é o ano de 2008. Daí Žižek dizer que a utopia do mundo

³ Que quer a Europa” de “A forma política do capitalismo (a democracia liberal parlamentar.

sem muros “teve que morrer duas vezes”, uma morte ideológica, outra econômica (ZIZEK, 2011, p.18).

A questão é desvelar o campo ideológico, econômico e político que conforma a nossa Era e tendo como objetivo último o horizonte do pensar as possibilidades de uma alternativa ao modelo da democracia capitalista segundo as elaborações de Zizek e Badiou para a hipótese comunista. O problema que se apresenta é o da barbárie que se instala diante da agudização da miséria, a exploração do trabalho que atinge níveis insuportáveis, a precarização das relações de trabalho e das relações sociais, o avanço a olhos vistos da privatização e da apropriação privada do patrimônio coletivo. O horizonte de crise franca e aberta da humanidade como cenário no qual se inscreve a hipótese que procurarei levantar aqui. Assim, se diante da crise é preciso uma resposta que aponte para um caminho possível, a hipótese, sob a qual voltarei a discorrer mais adiante, é a de que a Ideia comunista e sua hipótese comunista poderiam desempenhar esse papel.

A hipótese que procurarei confirmar consiste em investigar se a Ideia comunista e sua hipótese, a hipótese comunista, podem ou não se constituir em uma resposta à crise de nosso tempo. Entendendo-se a crise aqui como sendo uma crise do próprio sistema capitalista que dá ensejo à necessidade histórica de confrontar-se com a figura real da barbárie social, da miséria intelectual e política ou de se encaminhar para algo que seja diferente. A fim de se responder a hipótese proposta começarei pelos muros ideológicos de nosso tempo. Através da compreensão de como se erguem tais muros e do que ocultam espero poder proceder à confirmação da hipótese: É necessária uma resposta à crise do sistema capitalista e, caso o seja, poderá a Ideia comunista/hipótese comunista responder as questões mais caras à nosso tempo, propondo uma alternativa ao Real do capital? Há outro real possível ?

A hipótese comunista é a hipótese da classe trabalhadora, a hipótese da possibilidade da existência de um sistema que substitua o opressor sistema capitalista. A história da hipótese comunista se inicia no século XIX, passando pelo século XX e chegando aos odiosos dias atuais. Foi interrompida pela queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética, quando da suposta “vitória” do capitalismo e o igualmente suspeito “fim das ideologias”. Não obstante tudo isso, a hipótese comunista tem ganhado força e ressurgido diante da crise do capital que se iniciou em 2008 e que parece transformar a correlação de forças que perdurara durante os anos 90. Com a crise do capitalismo, renascem as Ideias e reabertas novamente as portas da história, a Ideia comunista e sua hipótese retornam à ordem do dia, renovadas e nutridas das demandas próprias do tempo presente. Voltam às palavras de ordem anti-capitalistas, que clamam por um novo possível, por um mundo distinto à este em que se está vivendo. Se está inaugurando, uma

nova fase da história da hipótese comunista e por conseguinte, do constructo intelectual que poderá inserir na história, mais uma vez, a verdade da emancipação humana.

Assim, com o objetivo de conhecer e analisar os conteúdos ideológicos, econômicos e políticos de nossa Era e confirmar a hipótese comunista, tendo como eixo principal da reflexão o pensamento de Žižek e Badiou, procederei à uma análise baseada no constructo de ‘muros’ como sendo os entre-caminhos onde se desenvolvem as relações políticas, econômicas e ideológicas que são o sustentáculo da nossa Era. O constructo de ‘muros’ é vis-à-vis uma derivação das palavras de Žižek que fala dos muros de nosso tempo, muros estes que foram erguidos justamente na suposta Era da inexistência de muros, o tempo dos ‘novos movimentos sociais, do multiculturalismo, do consenso’.

1.2 METODOLOGIA

O presente trabalho se baseará em uma revisão bibliográfica com uma análise de dados secundários obtidos através da bibliografia adotada. O método será o de Marx por meio do qual se buscarão as contradições inerentes à todo processo social. Quanto à bibliografia adotada, esta nos remete à reflexão dos pensadores críticos de diversas matizes que serviram de fontes auxiliares para o trabalho realizado com as fontes bibliográficas principais. Quanto à estas últimas, foi feita uma seleção das obras dos pensadores Alain Badiou e Slavoj Žižek que fossem de maior interesse para o desenvolvimento do trabalho e que tivessem maior representatividade no conjunto de suas obras. Dentre estas se deve destacar a grande relevância da obra seminal do pensamento de Badiou ‘A hipótese comunista’ para a sistematização da reflexão aqui apresentada. Além disso também se deve fazer menção à obra ‘Primeiro como tragédia, depois como farsa’ de Slavoj Žižek e à obra que reúne os principais escritos de Badiou *Conditions*.

Sendo assim, é de grande valia também que se ressalte a importância do método como expressão da organização e sistematização do pensamento sob a égide do pensamento marxista. A escolha do método é fundamental para que se delimite o objetivo de um trabalho e como será percorrido o caminho que conduzirá à este último. Também é uma opção política, pois o método e, tampouco a ciência, são dotados do privilégio da imparcialidade. Sendo assim, à partir da luz lançada pelo método marxista, isto é, do materialismo histórico, se organizará o presente esforço de resolução do problema apresentado.

2 OS MUROS IDEOLÓGICOS DA NOSSA ERA

2.1 O DISCURSO DA PÓS-MODERNIDADE E AS FORÇAS POLÍTICAS DO NOSSO TEMPO: A ESQUERDA LIBERAL E O DISCURSO PÓS-MODERNO

[...] Em todas essas configurações, a introdução da “florescente multidão” vem reafirmar em realidade seu contrário, um Grande-todo subjacente onipresente – uma sociedade sem antagonismo no seio da qual existe um lugar onde afetar cada sorte de comunidades culturais, de estilos de vida, de religiões, de orientações sexuais. A resposta de uma teoria materialista a esse dispositivo consiste em mostrar que esse Grande-Todo repousa em certas conclusões: o campo comum onde se movem essas identidades plurais é desde a origem sustentada por uma ruptura invisível, a ruptura do antagonismo [...] (ZIZEK, 2007, p.24, tradução nossa).

Dentre os ‘muros’ nos quais está assentado o processo de legitimação da ordem capitalo-parlamentarista⁴ atual aqueles que ocupam um papel central são os ‘muros ideológicos’. Trata-se dos ‘muros’ cujo arcabouço serve aos processos ideológicos de mistificação que constituem os pilares da ordem. Tais processos encontram seu eco ora no que Zizek (2007) denomina “identidades plurais, florescente multidão, comunidades culturais”, expressão da pós-modernidade, ora em uma afirmação *à la lettre* da ordem vigente. No que tange a expressão da pós-modernidade é fundamental que se tenha em mente algumas de suas características mais gerais como a fragmentação da realidade, o apelo às identidades, ao multiculturalismo, a sociedade global. Seu potencial mistificador reside no processo ideológico que impede a percepção da totalidade da vida social, do primordial elemento do universal. Com isso, a medida que se perde a dimensão da totalidade, os processos sociais passam a estar desprovidos de seu núcleo duro, de sua matriz fundante, o elemento da contradição. As palavras de Zizek (2007) revelam o real sentido da pós-modernidade, demonstrando como que, diante da ausência do elemento da contradição, às escolhas perdem sua substância real convertendo-se em não mais que uma farsa. A seguir, Zizek (2005, p. 109, tradução nossa) aponta o dilema da pós modernidade e como se dá a perda da dimensão do universal, do contraditório, diz o autor

[...] O bloqueio de hoje em dia se explica pela existência de uma única alternativa, pelas duas possibilidades próprias de engajamento sociopolítico contemporâneo: seja jogar o jogo do sistema – “se engajar na lógica do mercado através das

⁴ A ordem capitalo-parlamentarista, definida por Badiou (2009) na Introdução, determina a configuração político-econômica do capitalismo atual, isto é, a democracia representativa ancorada em um sistema econômico capitalista neoliberal. Se trata, à grosso modo, da simbiose perfeita entre um sistema político e um sistema econômico que materializam a opressão do gênero humano. O filósofo francês Alain Badiou se debruçou, na maior parte dos seus trabalhos, na investigação de tal ordem capitalo-parlamentarista e de seu oposto, a Hipótese comunista.

instituições” -, seja investir nos novos movimentos sociais do feminismo ao anti-racismo passando pela ecologia. Por sua vez, o limite desses movimentos é que eles não são políticos, se compreendemos por político a singularidade universal [...].

Assim, entre as consequências da perda do elemento da totalidade estão a percepção enviesada da vida social que dá ensejo a perda da dimensão de classe e com isso passam a não existir mais trabalhadores, mas indivíduos que expressam identidades múltiplas, sujeitos sem lugar no mundo. Conceitos como relação capital-trabalho, revolução e classe social passam a fazer parte do passado e os debates por conseguinte se deslocam para a arena dos novos movimentos sociais. Trata-se portanto da perda do político, que se confunde com o universal e que acarreta o enfraquecimento da crítica quando não presente, o que por sua vez faz com que se perca de vista o potencial de crítica ao próprio *status quo*. O cinismo e a farsa se seguem a mistificação e tudo se torna possível, com exceção de se questionar o capitalo-parlamentarismo e menos ainda de se pensar uma alternativa. Sonhar se torna impossível caso não seja dentro dos marcos dos capitalismo, seja por meio da crença desesperada em suas instituições ou por meio do voto de confiança na pós-modernidade. Ainda com relação à mistificação e suas consequências, diz Zizek (2007, p. 33, tradução nossa) que “no novo vocabulário, a problemática da exploração de classe se ve transformada em uma problemática multicultural centrada na ‘intolerância do outro’”, o que por sua vez faz com que debates como aquele acerca do racismo e ou da homofobia percam seu potencial político à partir da perda do elemento que os universalizaria, a totalidade.

A expressão política da pós-modernidade na Europa está representada principalmente pela dita terceira-via inglesa e a *neue mitte* alemã, os ditos liberais de esquerda, e em alguma medida pelos conservadores tradicionais que por vezes lançam mão do discurso pós-moderno. A *neue mitte* e a terceira via possuem grandes semelhanças. Ambas coincidem na defesa fervorosa dos preceitos pós-modernos, o que pressupõe a negação da totalidade e com isso a ênfase em um particularismo que os distancia da realidade social, marcada por contradições. E ao negar-se a contradição fundamental da sociedade, a existente entre capital e trabalho (afinal não há mais trabalhadores), afirma-se a ordem vigente, o capitalo-parlamentarismo. A defesa da sociedade global, do multiculturalismo e das identidades, do pluralismo, passa a escamotear justamente a negação da contradição última desta o que por sua vez quer dizer uma afirmação, algumas vezes aberta, outras velada, do próprio ordem.

A fim de se refletir acerca dos liberais de esquerda da terceira-via é fundamental também que se comece pela citação de Zizek (2007) que ilustra muito bem o papel que estes cumprem ao se proclamar socialistas e defender fervorosamente a democracia-liberal dentro

de um viés pós-moderno com requintes reacionários. Afirma Zizek (2007, p.109, tradução nossa) acerca dos liberais de esquerda,

[...] Aqui a repreensão que direcionava Lenin aos liberais é crucial: Ao invés de se identificar com elas até o fim, eles apenas exploram o descontentamento das classes trabalhadoras com o único objetivo de reforçar suas posturas perante os conservadores. Não seria o mesmo com os liberais de esquerda de hoje em dia? Eles amam evocar o racismo, a ecologia, o sofrimento dos trabalhadores, assim marcando postura em relação aos conservadores mas sem colocar em questão o sistema [...].

Os mesmos que se apegam cegamente aos princípios da pós-modernidade são também aqueles que terminam por proceder à defesa dos preceitos inerentes à democracia-capitalo parlamentarista. Constitui-se aqui um paradoxo que só se resolve por meio da mais grosseira mistificação que para aqueles que fizeram parte da luta anti-capitalista de outrora parecerá uma encenação tragicômica feita à imagem dos conservadores mais tacanhos. A união entre a esquerda liberal e os intelectuais pós-modernos conforma a mais tênue e ao mesmo tempo mais absurda das mistificações. Um ‘muro ideológico’ bastante sólido foi erguido e em sua defesa se debatem liberais de esquerda e conservadores tradicionais. Não obstante a confusão que reina e que por ora nos faz pensar em um a única força política, liberais de esquerda e conservadores possuem matrizes distintas. Os conservadores desde sempre tiveram como objetivo a defesa encarniçada da ordem pois dela dependem para manter-se no poder. O caso da esquerda liberal é único em sua quase surreal defesa da ordem que se confunde com uma tímida e cada vez mais distante afirmação de posturas de esquerda cuja validade é discutível, uma vez que muitas destas não passam de subproduto do discurso vazio da pós-modernidade. Sobre isso diz Zizek (2007, p.111, tradução nossa):

[...] A esquerda tenta conciliar o inconciliável, isto é, sua posição originária com aquela de seu adversário declarado: ela encarna o socialismo, mas pode plenamente assumir o tatcherismo econômico; ela representa a Ciência, mas pode inteiramente se misturar ao reino da multiplicidade de opiniões; ela representa a verdadeira democracia popular, mas pode também jogar o jogo da política-espetáculo e das sondagens eleitorais; ela encarna a fidelidade aos princípios, mas pode plenamente se ligar ao pragmatismo; ela representa a liberdade de imprensa, mas pode flertar e obter o apoio de Murdoch [...].

E por meio dessas palavras é possível visualizar bem como a esquerda liberal abdica de seus mais caros princípios para se transmutar em uma figura híbrida de conservadorismo, resquícios de posturas de esquerdas e muito da pós-modernidade. Sua prática política, entretanto, se aproxima cada vez mais do conservadorismo. Vejamos o caso de Tony Blair, primeiro ministro do Partido Trabalhista inglês de antiga tradição no campo da esquerda, que durante seu governo encampou políticas de cunho extremamente conservador, chegando inclusive a fazer do Reino Unido, junto com os Estados Unidos de George Bush, principal bastião da famigerada ‘guerra ao terror’. E não por acaso, o Partido Trabalhista, ao passo que

se investia das mais retrógradas posturas , continuava a proclamar-se de esquerda e a defender algumas de suas posturas mais típicas como a defesa dos direitos da mulher, entre outros.

A esquerda liberal é, portanto, uma das forças políticas que dão sustentação à um dos ‘muros ideológicos’ mais sólidos da nossa Era: a pós-modernidade entremeada por posturas conservadoras. Seu potencial mistificador é enorme pois incorpora a tradição de esquerda, conquistando muitos militantes bem intencionados, ao mesmo tempo que faz a defesa acirrada do liberalismo econômico, da democracia parlamentarista, em alguns casos até mesmo da Guerra ao terror e da repressão aos imigrantes, posturas estas ultra-conservadoras, de extrema-direita. Se trata de um processo de ideológico cujo poder simbólico é tão forte que faz com que velho militantes da esquerda revolucionária, defensores do anti-capitalismo e da destruição da ordem capitalo-parlamentarista, aderirem a esquerda liberal acreditando que ser essa a única via que restou para quaisquer tipo de transformações desejadas. Jovens militantes são, outrossim, seduzidos pelo discurso da esquerda liberal, que incorpora sedutores preceitos da pós-modernidade ao que restou de posturas de esquerda. É, portanto, o ‘muro ideológico’ erguido pela pós-modernidade como grande campo que possui o maior potencial mistificador na defesa do capitalo-parlamentarismo. Seus preceitos fazem parte do discurso conservador tradicional, daquele dos liberais de esquerda, chegando até mesmo, estranhamente, a fazer parte do discurso da extrema-direita. Portanto, pensar o significado da pós-modernidade e as forças políticas que de alguma forma em torno desta se agrupam significa fatalmente refletir sobre os ‘muros ideológicos de nossa Era’.

2.2 O DISCURSO PÓS-MODERNO E A EXTREMA-DIREITA: O CASO HAIDER

Qual é o preço da esquerda abrir mão de suas posturas originais à fim de se adequar ao consenso dos dias atuais? Qual o preço que se paga ao se adotarem posturas moderadas e por essência contraditórias, que negam a luta histórica da esquerda ? O preço em questão, ao que tudo indica, é o de se ir transformando paulatinamente naquilo que se negava por princípio, isto é, girar cada vez mais a direita de modo que não se fará mais diferença entre o que é uma coisa e o que é outra. O preço é a cooptação e em última instância a falência total, mesmo das propostas consideradas mais progressistas (ZIZEK, 2007).

O retrato da extrema-direita na atualidade tem necessariamente a ver com a imagem que a esquerda faz de si mesma. Em tempos de domínio da pós-modernidade as posturas

radicais se tornaram cada vez mais escassas, a ordem vigente não a muito não está mais na ordem do dia. Os liberais de esquerda assim, procuram equilibrar-se entre a direita e a esquerda, adotando posturas cada vez mais contraditórias e frágeis em si mesmas. E é justamente nesse espaço onde o vazio da pós-modernidade se impõe como negação da política e de quaisquer tentativas transformação substancial da ordem capitalo-parlamentarista. Nessa conjuntura a extrema-direita parece crescer substancialmente nos países europeus. Os liberais de esquerda, ao abdicarem completamente da possibilidade de transformação radical da ordem, como já visto anteriormente, terminam por afirmar a ordem existente, a ordem do capital e da democracia liberal, da superexploração do trabalho, do Estado mínimo, da crise social. E desse quadro de confusão, onde os ‘muros ideológicos’ já não são tão facilmente identificáveis, a extrema-direita encontra o espaço político do qual necessitava para reaparecer.

Jorg Haider, dirigente e porta-voz do partido austríaco de extrema-direita, o FPÖ, encarna muito bem a imagem da extrema-direita nos tempos atuais. Seu partido defende as posturas mais conservadoras como a xenofobia e o racismo. Ainda assim, poucas são as vezes que o faz abertamente, ao contrário, normalmente suas posturas costumam vir cobertas por um verniz mistificador próprio e que se utiliza, pasmem, também da pós-modernidade. O correspondente francês de Haider, Jean-Marie Le Pen, líder do Front National, também fornece meios para se analisar a postura deliberadamente ambígua da extrema-direita. Em um encontro de seu partido Jean-Marie chamou para junto de si um argelino, um africano e um judeu e os abraçou dizendo, como retrata Zizek (2007, p. 21, tradução nossa): “Eles não são menos franceses do que eu o sou – são os grandes representantes do capital internacional, que ignoram seu dever para com a França, que representam o verdadeiro perigo para nossa identidade”. Essas palavras ilustram muito bem a tentativa da extrema-direita de ocupar o espaço deixado pela esquerda. E nesse interim, utilizam-se de construções ideológicas da pós-modernidade que ocultam suas posturas ultraconservadoras. Como fizeram os nazistas no passado, culpam o grande-capital pela crise da identidade nacional atacando a democracia social europeia.

Os ‘muros ideológicos’ que ocultam a mistificação do discurso da extrema-direita se relacionam intimamente com o discurso da pós-modernidade. Nutrindo-se de algumas de suas noções, a extrema-direita ocupa aos poucos o espaço devastado pela esquerda liberal em sua associação com a democracia capitalista e seu viés que se reporta à perspectiva da pós-modernidade. Nesse cenário se dá uma situação no mínimo inusitada que parece ser possível apenas na ‘Era pós-moderna, a extrema-direita, a esquerda liberal e os conservadores

tradicionais coincidem na afirmação do capitalo-parlamentarismo atual. Afirmam em voz que aparenta ser uníssona, o imperativo da economia de mercado e do Estado mínimo. E esse é o momento em que fica claro o dilema de nossa época, que consiste na permanente confusão ideológica cujo propósito parece se evitar, a qualquer custo, que se questione a ordem vigente, a ordem do capital e de seu correspondente, a democracia liberal.

Haider não se equivocaria ao crer que seu sucesso depende em grande parte do fracasso retumbante da esquerda, refém da mistificação do ‘muro ideológico’ da pós-modernidade que a despe de todas e quaisquer posturas radicais. E se há ‘muros’ que representam de fato o tempo presente, os escombros do 11 de setembro, se trata certamente da pós-modernidade. Estranhamente, como em uma das grandes ironias oriundas do tsunami neoliberal dos anos 90, a pós-modernidade passa a construir, no lugar onde segundo os pensadores neoliberais não deveriam haver muros, outros ainda mais altos que nada mais parecem fazer que impedir quaisquer críticas fundamentais ao Capitalismo. Do multiculturalismo, das identidades plurais e da tolerância, renasce a extrema-direita que passa a retornar à todo tempo a essas premissas que lhes são de grande valia na defesa de seus preceitos ultraconservadores. Assim, como se verá adiante, os ‘muros ideológicos’ erguidos pela pós-modernidade serviram e servem ao fins de diversas forças políticas que, malgrado suas particularidades, se empenham na defesa do Real do capital e de suas instituições. E também detrás destes muros estão ocultas as forças políticas do conservadorismo tradicional, isto é, os neoliberais.

2.3 O DISCURSO CONSERVADOR TRADICIONAL: “A GUERRA AO TERROR”

Os tempos inaugurados à partir do 11 de setembro vieram acompanhados do espectro da guerra. As guerras do Iraque e do Afeganistão são exemplos de alguns dos conflitos que marcaram a última década. Guerras de caráter imperialista, cujos objetivos eram econômicos e geopolíticos, visavam sujeitar países inteiros à lógica do capitalo-parlamentarismo. E aqui quando se fala em capitalo-parlamentarismo, deve-se ler economia de mercado, democracia representativa, tolerância, multiculturalismo, todos os requisitos, segundo as potências ocidentais para um país ‘civilizado’ que seja um bom anfitrião cioso das regras do jogo. Aqueles que se opõe estarão passivos de sofrer intervenções militares e/ou econômicas com a finalidade de disciplina-los e integra-los ao capitalo-parlamentarismo, único caminho para a

prosperidade e a liberdade. E é nesse sentido que Zizek (2007) traz o conceito de *homo sacer* pensado pelo filósofo italiano Giorgio Agamben. Segundo Zizek (2007, p. 85, tradução nossa) os indivíduos *homo sacer* se vêem reduzidos a “objetos de medidas autoritárias ou mesmo de ajuda humanitária”, ou seja, indivíduos desprovidos de vontade e auto-determinação sujeitos à piedade ou a disciplina ocidental sob o discurso dos direitos humanos. E aqui subentende-se como direitos humanos a aceitação do modelo da democracia capitalista ocidental que pressupõe algumas das características citadas acima. Portanto, as guerras do pós-11 de setembro estão inscritas em um contexto ideológico de afirmação pela violência política e econômica do ocidente como única alternativa aos países islâmicos.

Os defensores da guerra ao terror, em sua maioria conservadores tradicionais, quando não a própria esquerda liberal, como no caso do Reino Unido, pregam um permanente Estado de exceção cujo objetivo seria o de derrotar os inimigos do ocidente, leia-se aqui capitalismo-parlamentarismo. Esse estado de exceção vem acompanhado da escolha de um inimigo à nível mundial, no caso os muçulmanos. Sua forma de viver e seu radicalismo seriam uma afronta à “civilidade” ocidental, um atentado aos direitos humanos e à liberdade. Sendo assim, investem seu ódio contra o mundo muçulmano, usando-os como exemplo para aqueles que desejem resistir à “modernidade ocidental”. Nesse sentido, discute Alain Badiou, ao referir-se aos acontecimentos referentes à primavera árabe, que se iniciaram no final da década de 2000. Diz Badiou (2011, p.76, tradução nossa) sobre como a mídia ocidental representou tais acontecimentos,

[...] As potências ocidentais e as mídias que tinham desde o começo uma resposta pronta: segundo eles, o desejo que motiva os protestos nos países árabes é o da “liberdade”, no sentido que a concebem os ocidentais, a saber “liberdade de opinião”, no contexto do capitalismo sem limites “liberdade de empreender” e do Estado fundado na representação parlamentar “eleições livres”, que escolhem entre diversos gerentes, praticamente indiscerníveis, do sistema em questão [...].

Badiou (2011) aqui aponta para o processo ideológico que esconde a violência do ocidente capitalista em impôr seu modelo político-econômico como único possível dentro dos padrões da modernidade aceitável. Segundo essa mistificação, aqueles não aceitam a democracia capitalista com seu livre mercado e seu Estado mínimo, deverão ser tratados como *homo sacer*, podendo receber bombas ou ajuda humanitária para que reconheçam seus erros e aceitem o Real imperativo da atualidade: o Real do capital.

O processo de mistificação em questão afirma o ocidente como democrático e plural e os demais como bárbaros a serem submetidos. Os ideólogos conservadores frequentemente o fazem utilizando-se do discurso da pós-modernidade para demonstrar que é apenas o ocidente o portador legítimo da modernidade. Para tanto, recorrem aos argumentos da perspectiva

multicultural, da tolerância ao outro, da diversidade, do pluralismo, das múltiplas identidades, a perspectiva da vontade do indivíduo e de seu protagonismo. Tal discurso não visa mais que envolver o Real, que é a imposição pela violência do capitalo-parlamentarismo. O ocidente se torna, assim, o caminho a ser seguido sob a pena da punição. Os “muros ideológicos” de nossa Era se mostram presentes, ancorados principalmente no discurso pós-moderno, combinando-se com posturas de esquerda, conservadorismo tradicional ou com a extrema-direita. Os “muros” aqui em questão erguem-se por várias mãos que outrora não o fariam, caso não estivessem unidas por um caminho comum: a defesa da democracia ocidental capitalista e a destruição de quaisquer alternativas à sua superação. Evidentemente que não por isso os conservadores tradicionais não se diferenciem da extrema-direita e da esquerda liberal.

Dito que há um caminho que une conservadores, liberais de esquerda e a extrema-direita em sua defesa da ordem atual, cabe aqui demonstrar que, ainda que para efeito da análise não seja substancial, nesse caminho se inscrevem empresas ideológicas distintas e que em algum momento se separam. No que diz respeito à essas diferenças cabe mencionar que estas são mais substanciais entre a extrema direita e seus *double-étrange* conservadores e liberais de esquerda. A primeira procura através de seu populismo que incorpora em muitos momentos o discurso mistificador da pós-modernidade, o claro aviltamento da democracia social europeia, dos princípios do universalismo e do humanismo que são aqui sua mais relevante herança. Como demonstra Zizek (2007, p.36, tradução nossa), ao descrever o processo no qual está inscrita a extrema-direita e sua relação com os conservadores tradicionais, a *nouvelle droite*, e os liberais de esquerda,

[...] Porque o populismo da Nova direita é o suplemento necessário à tolerância multicultural do capital global, enquanto que o retorno do reprimido. A verdade das pretensões de Haider não reside na identidade do Novo trabalhismo e da Nova direita, mas na generalização de seu populismo pelo aviltamento em grande escala da democracia social europeia [...].

Sendo assim, se deve ressaltar que há mais proximidade entre os conservadores e a esquerda liberal, pois ambos se utilizam do discurso pós-moderno sem ter o propósito que norteia a extrema-direita, mencionado anteriormente. Isto não significa entretanto que todos não compartilhem práticas que visam a defesa incontestada da democracia capitalista. E portanto, conhecer as forças políticas presentes é fundamental para que se conheça também os processos ideológicos que estão por trás de seus projetos políticos, sua estranha semelhança e suas diferenças. A esquerda liberal que cada vez mais se distancia de suas já escassas e contraditórias posturas de esquerda, termina por aproximar-se ainda mais dos conservadores. A extrema-direita, ao utilizar-se de elementos do discurso pós-moderno

partilhado por conservadores e liberais de esquerda, aproxima-se e distancia-se destes últimos na medida de seu projeto político próprio. De qualquer maneira, ainda é de se espantar tamanha semelhança entre as principais forças políticas da atualidade pois guardam tantas semelhanças que só um exame preciso pode demonstrar suas diferenças.

É o caso aqui de que se deixe claro o amplo processo ideológico cuja mistificação se baseia sobretudo no argumento da pós-modernidade e que influencia tanto a esquerda liberal quanto os conservadores e a extrema-direita. A unidade na ausência de substância nas proposições dão o tom da nossa época, a perda da totalidade e a opção pelo vazio da perspectiva multicultural são de fato os sinais desse processo. Os “muros ideológicos” erguidos seja pelas mãos dos conservadores, referendados pela esquerda liberal e usufruídos pela extrema-direita, representam o signo do tempo da fragmentação, da tolerância multicultural, da afirmação quase sagrada da ordem da democracia capitalista como única e intransponível. Por isto mesmo, conhecer tais *muros* e aqueles que os construíram é o primeiro passo para que se chegue a possibilidade de se pensar uma alternativa que possa supera-los, quebrando de uma vez por todas o encanto da mistificação da realidade.

2.4 RECAPITULANDO: A IDEOLOGIA COMO FALSA CONCEPÇÃO DA REALIDADE

O termo ideologia em Marx adquire o sentido de “falsa concepção”, “mistificação da realidade.” Ter tal fato em mente é fundamental para que se dimensione o papel que a ideologia da democracia capitalista desempenha na atualidade. Os tempos anunciados como aqueles que inaugurariam o fim das ideologias parecem ser justamente o tempo do primado da “ideologia”. O advento da pós-modernidade nas Ciências Sociais, como já visto anteriormente, trouxe os elementos da sociedade multicultural e global, da tolerância para com o outro, da idéia de um espaço sem conflitos, mas mediado pela elevação das identidades a categoria de elemento fundamental na sociedade multicultural. Aqui, como já mencionado nas discussões anteriores, o discurso parece resolver as questões inerentes à ao capitalismo. Problemas como a precarização do trabalho, a violência urbana, a superexploração, o racismo, ao passar pelo crivo das concepções neoliberais se convertem em problemas de intolerância, de não aceitação da “sociedade das infinitas possibilidades de “Ser”. E aqui também se tendo plena consciência de que falar em “Ser” significa dizer “Ser” em potência, jamais em substância, afinal de contas a falácia reside justamente no fato de que se pode ser tudo aquilo

que se deseje, desde que não se esbarre nas condições estruturais do Sistema: concentração de poder, de renda, terra. Se trata da possibilidade de “Ser”, dentro apenas das lógicas de “Ser” dentro de um Sistema marcado pela contradição capital-trabalho da qual deriva o Real do tempo presente.

Sendo assim, a ideologia cumpre na atualidade um papel central na obliteração do Real do capital e das relações que daí derivam. Seu resultado imediato é a mistificação da realidade e uma falsa imagem desta. Seu resultado à longo prazo é não apenas a negação do Real mas o enraizamento da mistificação de modo que se torna bastante difícil revelar o que está por trás do processo ideológico. E ainda pior, o Real mistificado se torna o Real único, se enraizando de tal maneira que seria quase impossível, dentro desse processo, de se escapar do imperativo do Real. Trata-se por conseguinte de um processo de mistificação bastante complexo que faz da ideia de mudança estrutural uma possibilidade quase inimaginável, para não dizer perversa.

Dessa construção se extrai o cenário em que tudo é possível dentro do Real estabelecido. Uma vez que se verifica um choque com o Real, se está ameaçando muito mais que a ordem vigente, mas as conquistas da sociedade global (pluralidade, liberdade de pensamento, tolerância). Aqui entra o papel da pós-modernidade, como já mencionado, anteriormente, na mistificação da realidade. Nunca ser plural significou tanto em aparência e tão pouco em essência. É nesse terreno no qual as forças políticas majoritárias atuam, nutrindo-se do conservadorismo puro e simples e das concepções pós-modernas, aparentemente no intuito de torna-las mais palatáveis. Tanto a esquerda liberal, quanto os conservadores tradicionais e mesmo a extrema-direita se nutrem dessa perspectiva e pouco se diferenciam ao fazê-lo. Portanto, a ideologia aparece aqui como instrumento de grande valia e extremamente necessário para fazer desaparecer a possibilidade da mudança e referendar o Real da barbárie capitalista. As palavras de Žižek (2011) ilustram muito bem a questão da ideologia na atualidade, diz o filósofo esloveno sobre isso,

[...] Numa constelação como essa, a própria ideia de transformação social radical parece um sonho impossível; contudo, a palavra “impossível” deveria nos fazer parar para pensar. Hoje, possível e impossível distribuem-se de modo estranho, e ambos explodem ao mesmo tempo num excesso. De um lado, no domínio das liberdades pessoais e da tecnologia científica, o impossível é cada vez mais possível (ou assim nos dizem): “nada é impossível”, podemos praticar todas as versões pervertidas de sexo, há arquivos inteiros de música, cinema e séries de tv a nossa disposição, ir ao espaço está ao alcance de todos (que tenham dinheiro..), temos a possibilidade de melhorar nossa capacidade física e psíquica, de melhorar nossas propriedades básicas com intervenções no genoma, até o sonho tecnogóstico de alcançar a imortalidade por meio da transformação de toda nossa identidade que pode ser transferido de um programa à outro. Do outro lado, principalmente no domínio das relações socioeconômicas, nossa época se percebe como uma época de maturidade, em que, com o colapso dos Estados comunistas, a humanidade

abandonou os antigos sonhos utópicos milenaristas e aceitou as restrições da realidade (leia-se realidade socioeconômica capitalista) com todas suas impossibilidades [...] (ZIZEK, 2011, p.12).

Assim, Zizek (2011) demonstra como o possível e o impossível dependem de estarem ou não incluídos na lógica do Sistema capitalista. Trata-se da sujeição total do Real e também das suas possibilidades à lógica da democracia capitalista à medida em que o impossível nesse caso é resistir e transformar e o possível é transformar-se, desde que isso não signifique ir contra as estruturas fundantes do Real do capital. Por fim, isso também significa dizer que olhar além dos “muros ideológicos” de nossa Era depende de se romper com a lógica do impossível, tornando-o possível e revelando com isso toda a brutalidade e a injustiça do Real. Não são os “muros ideológicos”, entretanto os únicos a nos cercar. Há que se falar também dos “muros econômicos”, como se verá adiante e que de maneira nenhuma se desprendem dos seus correspondentes “ideológicos”, mas se consolidam na unidade que visa legitimar a ordem capitalo-parlamentarista e inviabilizar a perspectiva da ruptura.

2.5 OS MUROS ECONÔMICOS DA NOSSA ERA

2.5.1 O neoliberalismo no mundo: Características e Histórico

Para que se possa refazer o caminho das teorias neoliberais até a sua chegada ao Estado e sua assunção plena, é preciso que lançar um olhar em direção a meados da década de 40, mais especificamente o ano de 1947.

No ano de 1947, dois anos apenas após o fim da segunda guerra mundial, estavam em processo de construção às bases do Estado de Bem-Estar Social europeu. Ao mesmo tempo, um grupo de intelectuais em sua maioria europeu se reunia na Suíça para lançar as bases daquilo que seria o neoliberalismo de matriz europeia. Entre os integrantes do “seleto grupo” estavam Friedrich Hayek, Milton Friedman, Michael Polanyi e Salvador de Madariaga. Eles haviam se reunido em Mont pèlerin, Suíça, para sistematizar uma crítica ao nascente Estado de Bem-Estar Social europeu. Sua crítica ao keynesianismo, à estrutura de solidariedade do Estado de Bem-Estar, elementos que conduziriam a uma excessiva regulação estatal e uma desmedida atividade sindical, com o aumento do gasto social, inviabilizariam o crescimento e a liberdade. Vale lembrar que o desemprego para os pensadores de *Mont Pèlerin* seria

“necessário” e “natural”, assim como a desigualdade. Logo, segundo suas elaborações o Estado de bem-estar seria um empecilho à liberdade de mercado, sendo por essência autoritário e controlador. Para ilustrar bem o que representou o grupo de *Mont pèlerin*, diz o historiador Perry Anderson (2003, p. 10):

Aí se fundou a Sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos. Seu propósito era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro.

As elaborações do grupo de Mont Pèlerin ainda teriam que esperar duas décadas para que fossem postas em prática. Seu receituário teve de esperar a chegada da década de 70, momento em há uma crise do capitalismo, a qual resulta por tabela em uma crise do próprio Estado de Bem-estar, alvo principal dos ideólogos neoliberais.

A crise dos anos 70, mencionando o ano de 1973, chega com força total aos países centrais do capitalismo durante a supracitada década. Como consequência se tem uma crise geral do emprego, baixos níveis de crescimento, além de uma alta inflacionária. Todos esses elementos combinados com um aumento da pressão sindical, que apresentava constantemente reivindicações ao Estado de Bem-estar. E é nessa conjuntura que aqueles que esperaram 20 anos encontrarão o momento ideal de que precisavam para lançar sua proposta de superação da crise. Tal remédio, como muito bem descreve Perry Anderson (2003, p. 11), consistia em,

[...] O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a conteção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos. Em outras palavras, isso significava reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas [...].

Assim, para os ideólogos neoliberais o problema residia no fato de que o Estado de Bem-estar produziria a crise, mediante excessiva intervenção do Estado na Economia, gastos excessivos com políticas sociais, além é claro, da forte presença dos sindicatos com propostas de reivindicação que estariam sempre contrapostas ao crescimento. E como muito bem citado acima por Perry Anderson (2003), a resposta, ainda que inicialmente amarga, seria a da redução do Estado a mero instrumento através do qual se viabilizaria a acumulação de capitais pelo mercado. O Estado como mero regulador da atividade econômica, com o máximo de liberalização dos mercados possível. E assim para superar a crise, a austeridade fiscal, o corte de gastos sociais, a desregulamentação dos mercados, as privatizações, entre outras medidas. O mercado poderia, dessa maneira, retomar seu crescimento em um ambiente de liberdade

para agir e fazer, em oposição ao “agigantado” e “ineficiente” Estado de Bem-estar social. A crise, portanto, segundo os defensores da ideologia neoliberal, seria uma crise que teria seu lugar no Estado de Bem-estar e implementadas as medidas anteriormente mencionadas se voltaria à um ambiente propício ao amplo crescimento, aumento dos investimentos privados, crescimento da poupança, em um ambiente de maior liberdade para toda a sociedade.

A construção da hegemonia neoliberal durou ao redor de 10 anos e sua fase ‘gloriosa’ foram os anos 80. Governos como o de Thatcher na Inglaterra, que rompeu com anos de domínio do partido mais à “esquerda”, o partido trabalhista inglês, implementaram fielmente os preceitos do neoliberalismo. Se realizaram cortes brutais dos gastos sociais, o aparato Estatal ficou reduzido à mero partícipe da ciranda financeira, o desemprego aumentou drasticamente devido à incapacidade dos sindicatos em dar resposta ao processo, a reforma fiscal foi seguida à risca. Como muito bem descreve Perry Anderson (2003, p. 12) o que foi o governo Thatcher,

Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram os controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivo, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia – se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida à indústrias básicas, como o aço, o petróleo, o gás e a água.

Ainda com relação aos governos desse período, cabe mencionar que em alguns países europeus a aplicação do programa neoliberal se deu mais timidamente. Na França de François Mitterrand, por exemplo, ainda se tentou buscar uma alternativa, mesmo que de forma tímida e que ao final não se tenha conseguido resistir ao assédio neoliberal. Também é importante ressaltar que o neoliberalismo de matriz estadunidense adquire como menciona Perry Anderson (2003) um caráter voltado à corrida armamentista com a União Soviética, ainda que tenha seguido os preceitos do neoliberalismo, excetuando-se aqui a disciplina orçamentária. Sua maior expressão foi o governo do republicano Ronald Reagan, ator canastrão de hollywood. Com relação aos demais países do centro do capitalismo, todos adotaram, ainda que à sua maneira, os preceitos do neoliberalismo, percebendo-se como tal o corte de gastos sociais, privatizações, desemprego em massa, diminuição do Estado, desregulamentação do mercado.

Finalmente, faz-se importante refletir aqui sobre os resultados do neoliberalismo quando da sua proposta inicial pensada por *Mont Pèlerin* e Chicago. Como já dito anteriormente, os anos da década de 80 representaram o maior sucesso (talvez o único) que o modelo neoliberal pôde experimentar. Tal êxito se deu no que tange à redução da inflação, na

retomada das taxas de crescimento, no aumento do desemprego. Como demonstram os dados levantados por Perry Anderson (2003, p. 15) no que tange a retomada do crescimento,

No conjunto dos países da OCDE a taxa da inflação caiu de 8,8% para 5,2%, entre os anos 70 e os anos 80, e a tendência de queda continua nos anos 90. A deflação deveria ser a condição para a recuperação dos lucros. Também nesse sentido o neoliberalismo obteve êxitos reais. Se, nos anos 70 a taxa de lucro nas indústrias nos países da OCDE caiu em cerca de 4,2%, nos anos 80 aumentou 4,7%.

Entretanto, como queriam os neoliberais, aumentaram também as taxas de desemprego e de aposentadorias, consequências diretas das reformas estruturais e da crise do movimento sindical, o que se tornou um obstáculo à real retomada dos lucros, sendo estes bastante tímidos se considerados os lucros auferidos durante os anos 60 e, pasmem, mesmo os anos 70. Segundo Anderson (2003) os incrementos dos lucros que na década de 60 foram de 5,5% e nos anos 70 de 3,6%, nos anos 80 foram de 2,9%. E isso acontece também segundo Anderson (2003) devido à pressão que exerceu a liberalização financeira, que criaram as condições para a transformação dos lucros produtivos em especulativos, ou para o crescimento vertiginoso da especulação em si. Além disso, as reformas estruturais que como já dito aumentaram o desemprego e lançaram o movimento sindical em uma crise profunda, foram responsáveis por gastos brutais com os desempregados e com os aposentados, o que demonstrava que o efeito da transformação do Estado em interventor a favor do capitalismo surtiu efeito contrário. O Estado teve que gastar muito com pensões e seguros desemprego e a somado à isto a virada especulativa produto das medidas introduzidas na década de 70 e 80 inviabilizaram a retomada real do crescimento além de gerar uma herança social desastrosa. Também como herança para os nossos dias, está a enorme massa especulativa, que exercerá forte pressão nos anos 90. A tendência do sistema à especulação também conduzirá à crise que mais recentemente nos está afetando.

E sem dúvida é preciso dizer também que a maior de suas heranças não diz respeito ao âmbito econômico, mas ao âmbito ideológico e político. Como mencionado na introdução e na justificativa, o neoliberalismo conseguiu se impor como única saída e, com seus mecanismos de cooptação sindical e social, logrou confundir-se com o real, mistificando-o de tal modo que pareceria nunca haver saída. Teríamos que seguir seu caminho sem muitos questionamentos ou estaríamos fadados ao fracasso. É o que Zizek (2011) chama de a ideologia do choque. É aquela sensação de que não há realmente saída e o sistema e suas engrenagens farão de tudo para que de fato pareça que não há. Como igualmente menciono na introdução, sair da prisão que nos impõe o capitalismo financeiro não é de maneira nenhuma uma tarefa simples, ainda mais em meio a uma crise como a que se iniciou no ano de 2008.

Por fim, cabe mencionar o que diz Perry Anderson (2003, p. 23) sobre o balanço do neoliberalismo após duas décadas:

Economicamente o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores jamais sonharam, disseminando a idéia de que não há alternativas para seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se às suas normas.

E assim, demonstra Anderson (2003) que o neoliberalismo fracassou na maioria das idéias que propunha levar a cabo, mas que no campo político-ideológico deixou marcas profundas nas sociedades em que foi aplicado.

2.5.2 Há um capitalismo pós-moderno?

A incorporação de novas questões ao panorama atual, como a da luta pelos direitos dos homossexuais, dos movimentos ecologistas ou anti-racista, a crescente tecnologia que dia após dia nos atinge e modifica nossas relações traz um novo e acalorado debate acerca da natureza do sistema em que vivemos hoje. Muitos se indagam sobre se a natureza do sistema capitalista foi de fato alterada pelas transformações das últimas décadas, se vivemos hoje em um sistema que não mais se remete às mesmas bases que antes lhe davam forma. Será, assim, o sistema que abriga com tanta tolerância as demandas dos novos movimentos sociais o mesmo que delega aos pobres um lugar da constante tragédia e da inexistência? É esta a principal questão que divide aqueles que defendem a existência de um novo capitalismo e os que, a despeito de todas as transformações, não ser jamais ignoradas, crêem no capitalismo em sua forma clássica, com novas características que não alteram sua essência.

Diante do discurso pós-moderno muitos se perguntam sobre a natureza do capitalismo atual. A polêmica encampada por Badiou coloca em causa a questão de se há ou não um novo capitalismo, um capitalismo pós-moderno. Os pensadores pós-modernos como Antonio Negri e Michael Hardt travam uma discussão que como Badiou cita acima, se encaminha para um viés de se afirmar a existência de um capitalismo pós-moderno. O capitalismo atual seria por conseguinte uma metamorfose do capitalismo clássico que diante das transformações ocorridas na última década se converteu em um híbrido cujas novas tecnologias e identidades o empurram para sua transformação em algo novo. Isto significa dizer que se está lidando

com um capitalismo que está assentado em novas bases e que resignificou suas premissas. Badiou (2011) se opõe à essa perspectiva que afirma as transformações das últimas décadas como sendo o indício que aponta para uma nova natureza do capitalismo.

E em oposição Badiou (2011, tradução nossa) afirma que “o capitalismo contemporâneo tem todos os trejeitos do capitalismo clássico”. Isto significa que, malgrado todas as transformações da última década, isto é, o advento da tecnologia, a virtualização da produção, o Estado mínimo, o capitalismo mantém suas bases e premissas clássicas. Não se trata, portanto, de um novo capitalismo ou de um capitalismo pós-moderno mas sim de um capitalismo que incorporando questões próprias de nosso tempo, mantém as características do capitalismo clássico. Badiou (2011) cita nesse sentido as palavras de Marx que apontavam já no século XIX para um *Marché Mondial*, a saber o que hoje se denomina “globalização”. Também em Badiou (2011, tradução nossa) há a menção ao “caráter inevitável da concentração do capital” que igualmente aparece nas análises de Marx sobre essa característica singular do capitalismo. Seguindo em sua crítica Badiou (2011, tradução nossa) também menciona “O caráter inevitável das crises cíclicas, as quais atestam entre outras coisas, a irracionalidade do capitalismo e o caráter obrigatório tanto das atividades imperiais quanto da guerra”, o que explica em essência a crise que se está vivendo desde o ano de 2008. Badiou, assim, vai no sentido contrário à afirmação pós-moderna, retornando à Marx para demonstrar que as características do capitalismo clássico se mantiveram, radicalizando-se e aprofundando-se.

O capitalismo clássico, portanto, já possuía as características de ser um Sistema de crises periódicas, ancorado em um mercado mundial que tende sempre à concentração do capital. Além de suas características mais elementares como a exploração brutal da força de trabalho, a geração consequente de pobreza em massa, a crise social permanente e os sistemas políticos corruptos calcados na noção Rousseauiana de maioria que sustenta a democracia representativa. Nesse sentido é extremamente pertinente que se fale em um capitalismo que manteve suas características, contrariando a versão *high tech* de um capitalismo pós-moderno.

Finalizando, Badiou (2011) afirma não haver de maneira nenhuma um capitalismo pós-moderno, mas um capitalismo com características do capitalismo clássico que incorpora elementos próprios do nosso tempo. O autor afirma, além disso, que há uma radicalização das características do capitalismo do século XIX em seu afã mais reacionário. Sobre isso, conclui Alain Badiou (2011, p. 25) “*Nous sommes donc bien les témoins d'un accomplissement retrograde de l'essence du capitalisme, d'un retour à l'esprit des années*

1850”⁵. Por fim, não se trata de afirmar a existência de um capitalismo pós-moderno mas sim reconhecer que este mantém suas características.

2.5.3 Crise econômica e Neoliberalismo: os signos da ruína

Associar o neoliberalismo com a crise econômica não é de maneira nenhuma um equívoco. Mas é fundamental que se delimite o caráter das crises que já viveu o modelo neoliberal. Suas medidas de contenção dos gastos do Estado, privatizações, desemprego estrutural massivo e, principalmente, a desregulamentação financeira produziram imensas pressões sobre o sistema capitalista. O caráter da desregulamentação financeira é o que explica o rápido crescimento da especulação na fase neoliberal. A especulação se auto-alimenta e produz uma crise aberta do setor produtivo, este já bastante combalido por um desemprego em níveis altíssimos. Nesse sentido, o Estado acaba por endividar-se para conseguir suprir as perdas por especulação, com o seguro desemprego e as pensões, além de deparar-se seguidamente com baixos níveis de crescimento desde os anos 80, passando pela crise dos 90 e dos dias atuais.

Portanto, a engenharia que se montou a partir dos anos 70, que claramente conduz à especulação, a crise produtiva, ao desemprego e consequentemente ao endividamento do Estado e a baixos níveis de crescimento, produz ela própria a sua tendência à crise, o seu viés incorrigível da veia especulativa. Assim, a crise que eclodiu em 2008 explica-se em grande parte pelas bases em que se assenta o capitalismo como sistema econômico e as nuances do seu modelo neoliberal. O neoliberalismo é assim, expressão máxima do capitalismo financeiro e especulativo, é a crise em si e traz em seu interior o caminho para a crise econômica. E ao analisar o caso dos Estados Unidos, que indagava seu principal membro do staff financeiro sobre a crise, Alan Greenspan, o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2011, p. 37) demonstra o que representa a tendência especulativa do capitalismo financeiro para a produção de uma crise,

Está claro que o erro de Greenspan não foi apenas e simplesmente ter superestimado a racionalidade dos agentes de mercado, isto é, sua capacidade de resistir à tentação de ter ganhos especulativos extraordinários. O que ele esqueceu de incluir na equação foi a perspectiva bastante racional dos especuladores de que valia a pena correr o risco, porque, no caso de um colapso financeiro, poderiam contar com o Estado para o cobrir o prejuízo.

E com isso, Žižek (2011) mostra que, para além da especulação que pressupõe o capitalismo em sua atual fase, trata-se também de uma ‘aposta’ dos especuladores na quase

⁵ Somos assim testemunhas de uma realização retrógrada da essência do capitalismo, de um retorno ao espírito dos anos 1850.

certa parceria do Estado em suas aventuras do arriscado jogo especulativo. E indo um pouco mais adiante, é possível afirmar mesmo que a crise que estamos vivendo, além de ser intrínseca ao capitalismo em sua fase atual, é “estrutural” e revela os limites do próprio sistema. Portanto, a crise econômica que está em processo tem sua origem no modelo de capitalismo financeiro especulativo cuja essência em última instância corresponde a uma crise estrutural do próprio sistema capitalista. É o neoliberalismo e o capitalismo encontrando-se com a inevitável esquina da história da qual certamente não sairão imaculados. Sobre o fato da crise ser estrutural, intrínseca ao sistema capitalista, para além de ser consequência do neoliberalismo como projeto societário, diz o filósofo húngaro István Mészáros (2011a, p. 28, grifo do autor),

Mas a última coisa de que hoje precisamos é continuar a dar nós nos ventos, quando temos de enfrentar a gravidade da crise *estrutural* do capital, a qual exige a instituição de uma mudança sistêmica radical. É revelador o caráter incorrigível do sistema do capital que, mesmo num momento como este – quando a imensa grandeza da crise em desenvolvimento já não pode ser negada pelos mais devotos apologistas *ex officio* do sistema, uma crise descrita há poucos dias por ninguém menos que o vice-governador do Banco da Inglaterra como a maior crise econômica em toda a história humana –, na da possa ser considerado, para não dizer realmente feito, a fim de mudar os defeitos fundamentais de uma ordem sociorreprodutiva cada vez mais destrutiva por parte daqueles que controlam as alavancas econômicas e políticas da nossa sociedades.

Dessa forma, Mészáros (2011a) aponta para uma tendência do próprio sistema capitalista que conduz a crise. A especulação é parte do sistema do capital de modo que o neoliberalismo como modelo econômico ofereceu as condições necessárias para a escalada especulativa que conduziu a crise. Mas além de afirmar a inevitabilidade da crise sob a égide do capitalismo, Mészáros (2011a) também demonstra que não se trata de encontrar uma saída mantendo-se fiel ao capitalismo, afinal de contas é o sistema da crise, seja ela social econômica ou política, seja neoliberal ou mesmo keynesiano. Trata-se, assim, de uma crise não apenas do neoliberalismo como projeto societário, mas do próprio capitalismo. E esta crise, assim como o processo neoliberal, é mundial, assim como o é o próprio sistema.

2.5.4 A crise econômica: retornando à Marx

Retornando à Marx, Zizek (2007) revela a essência da crise econômica que se está vivendo e que a passos largos se aprofunda. E para além d fazê-lo, Zizek (2007) comprova como que a crise provém das entranhas do Sistema, residindo claramente na relação de oposição entre valor de troca e valor de uso. A relação que daí deriva explica em grande parte a dinâmica própria do capitalismo e sua inexorável tendência à crise. O valor de troca em Marx representa

“a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de um outro tipo”. Em oposição está o valor de uso e que em Marx, ao falar da mercadoria, representa “o que lhe permite ser objeto de uma troca”, isto é, a utilidade de uma mercadoria. Assim, a crise se explicaria pelo abismo brutal existente entre valor de troca e valor de uso na medida em que o valor de troca se transfere ao interior do capital especulativo e ao fazê-lo realiza a tendência especulativa, dispensando o Real da produção. E de tempos em tempos, essa relação que como diz Zizek (2007) é “*une illusoire mirage*”, atinge o máximo de seu paradoxo quando o abismo entre o Real da produção e o irreal da especulação se chocam. Tal choque conduz à crises econômicas periódicas que a cada vez que explodem demonstram a irracionalidade tendencial do próprio capitalismo materializada na forma da contradição presente da especulação.

Assim, o quadro se constrói de tal maneira que o frenesi especulativo, ao aprofundar-se, se distancia do Real da vida social. Dessa maneira, a explosão da miséria no terceiro-mundo, os cortes de gastos nas áreas sociais, a virtualização da vida, passam a ser o lado oposto da especulação. Dessa contradição surge a metáfora da Internet onde relações virtuais se desenvolvem no abismo da realidade não virtual. É o espaço onde quase tudo é possível, até que a realidade começa a cobrar seu preço. E nesse sentido, muitos afirmam a necessidade de se retornar à economia real, opondo-se à especulação. Trata-se de uma concepção um tanto quanto ingênua quando se sabe que a especulação, o capitalismo financeiro é parte integrante do Sistema desde os seus primórdios e que se seus agentes atuaram de forma predatória ou irresponsável nada mais fizeram que atuar dentro da própria lógica do capitalismo: a busca incessante pelo lucro mediante a exploração da força de trabalho.

Portanto, afirmar a necessidade de que se finde a especulação sem com isso propor também a superação do capitalismo não resolve a questão central que é o fato de que a especulação é intrínseca à dinâmica do próprio capitalismo. Tampouco a superação da miséria e da exploração virão por meio de reformas, afinal de contas o capitalismo dispõe justamente da exploração da força de trabalho para a obtenção do lucro. Sem a exploração da força de trabalho não se forma a massa da mais-valia, o excedente oriundo da exploração no seio do processo produtivo. Por conseguinte, a crise em questão representa muito mais que apenas uma crise do capitalismo mas, muito além de se-lo, é uma crise do próprio Sistema capitalista como Sistema que gera à partir de sua lógica não só a crise especulativa como também a crescente miséria que assola os países do terceiro-mundo ou o desemprego nos países centrais do capitalismo. E assim, a hipótese comunista aparece como a saída ao mundo do capital, o contraponto do Real do capital.

3 OLHANDO ATRAVÉS DOS MUROS: O DESPERTAR DA HISTÓRIA

3.1 PROTESTOS IMEDIATOS OU ÉMEUTES IMMÉDIATES (TRADUÇÃO LIVRE DE RESPONSABILIDADE DO AUTOR)

Os conceitos que Badiou (2011) traz de Émeute immédiate e Émeute Historique são fundamentais para o que o filósofo vai chamar de “O despertar da História”, isto é, a sua reabertura após um processo de décadas de estagnação. A discussão que daí deriva traz elementos fundamentais para que se possa compreender o lugar histórico onde se situa a emergência da Ideia Comunista, bem como seu valor político e filosófico como Ideia que se contrapõe ao “Consenso da pós-modernidade”, ao Real do Capital.

O protesto imediato ou émeute immédiate é segundo Badiou (2011, p. 38, tradução nossa) “O contágio de uma parte da população, quase sempre seguindo a sequência de um episódio de coerção do Estado”. Sendo assim, se situa no contexto de um episódio onde parte de uma população se revolta devido à coerção Estatal desencadeada por um fato localizado. Um exemplo disto seriam a revolta ocorridas em Londres durante o ano de 2011 que deixaram em chamas o centro da capital inglesa. Tal revolta teve início devido ao assassinato de um jovem pela polícia londrina e só foi controlada pelo Estado depois de algumas semanas de duros enfrentamentos nas ruas da cidade. Entre suas características que aqui sabe destacar e que são importantes para que se compreenda o que é são as Émeutes Immédiates, estão a localização específica, o seu ímpeto destruidor, a ausência de um caráter político e a uniformidade (jovens estudantes marginalizados).

No que tange a localização específica, significa dizer que a revolta se encontra localizada em um mesmo espaço e em um setor específico da população, no caso da revolta londrina os estudantes e jovens marginalizados da cidade que sofrem com a precariedade e a violência policial. Em relação ao seu ímpeto destruidor, pode-se dizer que é o afã em se atacar os símbolos da ordem vigente, liberando a raiva e o vigor da juventude marginalizada. Isto não significa, entretanto, um caráter político, já é a mais genuína expressão segundo Badiou (2001) “da negação e destruição”, que não cruza o rubicão da pura e simples raiva incontida para universalizar-se ganhando assim uma forma política. Não há, por conseguinte, em uma Émeute Immédiate a intenção de uma nova temporalidade, ainda que, segundo Badiou (2011) esta aponte para um “*ouvrir la voie à une Émeute Historique*”, isto é, os Protestos Imediatos sinalizam que a sociedade existente não logra resolver os problemas desses jovens

marginalizados e que tampouco pode impedir nos espaços marginalizados a emergência da reação ao pauperismo e a violência policial. Trata-se segundo Badiou (2011) de um “Sinal histórico de rebelião”, ou seja, um sinal de que o que o Protesto Imediato traz consigo vai além da pura e simples raiva incontida, apontando para uma fragilidade do próprio Sistema e podendo encaminhar-se para uma *Émeute Historique*, seu consequente político.

3.2 PROTESTOS HISTÓRICOS OU *ÉMEUTES HISTORIQUES*

[...] Retenons de tout ce que nous avons vu ces derniers mois ceci: l'émeute devient historique quand sa localisation cesse d'être restreinte, mais fonde dans l'espace occupé la promesse d'une temporalité neuve et à longue portée ; quand sa composition cesse d'être uniforme, mais dessine peu à peu une représentation mosaïque unifiée de tout le peuple; quando enfin aux grognements négatifs de la revolte purê succède l'affirmation d'une demande commune, dont la satisfaction donne un premier sens au mot <<victoire>> [...] (BADIOU, 2011, p.57, tradução nossa).

A passagem da *Émeute Immédiate* para a *Émeute Historique* se dá por meio da transformação daquilo que caracteriza a *Émeute Immédiate*, isto é, a localização, o caráter nihilista, puramente espontâneo, além da uniformidade dos grupos que fazem parte do processo. A *Émeute Historique*, como mencionado acima, funda um espaço próprio onde as reivindicações se materializam e representam para Badiou (2011) um “*siège de l'État*”, isto é, um cercamento do Estado. Além disso, a uniformidade que antes se verificava em uma *Émeute Immédiate*, aqui passa a não se verificar, uma vez que diversos segmentos da população se somam aos manifestantes e fazem do espaço um espaço também seu, caracterizando-o como “do povo”. O ímpeto nihilista é substituído por uma palavra de ordem que unifica os diversos segmentos que estão no lugar conquistado, conferindo um caráter mais político. Há na *Émeute Historique* a possibilidade do novo, um questionamento à ordem, a possibilidade do novo. E assim, a passagem da *Émeute Immédiate* para a *Émeute Historique* se dá quando, segundo Badiou (2011, p. 56) “*Le seuil de l'émeute historique est Franchi: localisation établie, longue durée possible, intensité de la présence compacte, foule multiforme valant pour le peuple netier*”⁶.

⁶ O limiar do protesto histórico está estabelecido: localização estabelecida, longa duração possível, intensidade da presença compacta, multidão multifacetada que vale pelo povo inteiro.

A *Émeute Historique* não adquire no entanto, em sua mutação de *Émeute Immédiate*, um caráter político consolidado. À este momento Badiou (2011, p. 61, tradução nossa) dá o nome de “*Periode Intervallaire*” e que segundo sua definição consiste no momento que,

[...] que vem após um período durante o qual a concepção da ação revolucionária foi suficientemente clarificada pelo que, a despeito das ferozes lutas internas que marcam seu desenvolvimento, ela se ve apresentada explicitamente como uma alternativa ao mundo dominante, e tendo obtido diante disso apoio massivo e disciplinado. Em um período de intervalo, a ideia revolucionária do período precedente, que naturalmente encontrou sérios obstáculos – inimigos no exterior e incapacidade provisória de resolver problemas interiores – entrou em descrença [...].

O período de intervalo é incerto, sujeito às pressões da ordem, surgindo aqui um momento crítico onde são várias as pressões para o retorno a “normalidade” das coisas, isto é, a ordem vigente (democracia capitalista). Aqui a centralidade da organização e a necessidade imperiosa de uma Ideia que reúna em torno de si a energia Subjetiva liberada *Émeute Historique* e que assim a converta em uma nova organização, em uma nova forma da política, em um questionamento substancial à ordem vigente. Diante disso Badiou (2011, p. 66, tradução nossa) comentando acerca da importância da Ideia diz que: “Para que a energia que elas liberam e os indivíduos que elas engajam possam fazer surgir, por e para além do movimento de massa e do despertar da história, que se aponta para uma nova figura da organização, consequentemente da política”. Sobre os protestos ou émeutes, Badiou (2011) diz também que se confundem com o movimento de massa, já que são estes que garantem o caráter coletivo da Ideia. Assim, dessas palavras se desprende a noção de que a Ideia e a organização são peças fundamentais que poderão garantir que a *Émeute Historique* saia de seu período de intervalo e ganhe uma forma política, assegurando assim o “Despertar da História”, ou seja, a conquista da possibilidade da existência do novo.

3.3 O FIM DO PERÍODO DE INTERVALO

A transformação da *Eméute* de seus primeiros momentos de experimentação à construção de um rosto próprio se dá quando esta passa a não depender mais da figura do Estado, tendo seus próprios membros uma organização e uma independência que os separam do Estado. A *Émeute Historique* que tem como características o lugar comum, a multidão que em sua subjetividade representa “todo o povo”, além da intensidade da subjetividade concentrada naquele espaço conquistado e da possibilidade de uma nova temporalidade à se fundar, ganha aqui seu caráter político consolidado.

O período de intervalo representa a prova pela qual a Émeute passa antes de consolidar-se no espaço conquistado. Em seguida, inicia-se a construção de uma Ideia, que da *Émeute* se origina e que garante sua continuidade pela ação da organização. A fim de que se clarifique os conceitos apresentados será utilizado um exemplo que Badiou (2011) toma como exemplo de uma Émeute Historique que sinaliza para um despertar da História. Para tanto é central que se compreendam os conceitos de Verdade e Evento, *Événement et Vérité*.

3.4 VERDADE, EVENTO E IDEIA

Visando introduzir os conceitos de Verdade e Evento, Badiou (2011, p. 86, tradução nossa) utiliza o exemplo dos protestos que sacudiram recentemente o Egito de Mubarak. Sobre a “*Émeute egípcia*”, o filósofo diz:

[...] As palavras de ordem mais importante estão para além do “Vá embora” unânime: O país Egito, a restituição do país à seu povo sublevado (onde há a presença, por toda parte, da bandeira nacional), e justamente o fim da servidão para com o ocidente e seu componente israelita; o fim da corrupção e da desigualdade monstruosa entre uma minoria de corruptos e a massa de trabalhadores ordinários a vontade de que haja o fim da miséria de milhares de pessoas. Eu posso retomar tudo isso em uma linguagem mais abstrata e mais simples. Em um mundo estruturado pela exploração e opressão, as massas não tem, propriamente, nenhuma existência. São “ninguém”. No mundo de hoje, quase todos os africanos, por exemplo, são “ninguém”. E mesmo em nossos países ocidentais, no fundo, a maioria das pessoas, a massa de trabalhadores ordinários, não decide absolutamente nada, não tem senão uma voz ficcional, limitada, em relação ao que concerne ao seu próprio destino [...].

Aqueles que à Praça Tahrir, no Cairo, ali puderam vislumbrar, assim, o despertar do Inexistente, aquele à margem do poder, o miserável, o pobre, o explorado, o Sujeito cuja existência era até então ignorada. Saindo das sombras e dirigindo-se à Praça esses Sujeitos, que antes não eram vistos, se tornam visíveis e a sua existência se converte como diz Badiou (2011, p. 87) “*la levée de l’existence elle même*”⁷. A existência do Inexistente, expressa pela émeute, traduz a dimensão da força Subjetiva desse despertar daquele cuja existência era simplesmente impossível nos marcos da existência possível, a existência nos marcos da democracia capitalista. E nesta, o Inexistente permence invisível pois na essência do Sistema se forja sua própria inexistência, isto é, da exploração capitalista nasce a invisibilidade do Inexistente. Suas contradições geram também, como nas palavras de Badiou (2011) acima, o despertar da Existência na forma do despertar do Inexistente.

⁷ O despertar da própria existência.

Nesse sentido, o conceito de Badiou de Evento deriva, por tabela, do despertar do Inexistente. O filósofo (2011, p. 88) define Evento como sendo “*ce qui rend possible la relève de l’inexistant*”⁸, ou seja, aquilo que torna possível o despertar do Inexistente. Tal definição segundo Badiou (2011, p. 88, tradução nossa) é “abstrata mas incontestável, simplesmente porque o despertar foi declarado”, isto é, abstrato mas incontestável uma vez que o despertar é declarado, no lugar conquistado, a praça Tahrir, pelos próprios Inexistentes que à partir desse momento e naquele lugar podem existir. Aqui o local é de grande importância pois nele se concentram aqueles que declaram a existência do Inexistente. Acerca disso diz Badiou (2011, p.88, tradução nossa):

[...] A determinação de um lugar desempenha um papel decisivo: uma praça no Cairo ganha notoriedade mundial em poucos dias. É fundamental constatar que, diante de uma mudança real, há a produção de um novo lugar novo, porém interno à localização geral do mundo. Assim, no Egito, as pessoas reunidas na praça consideravam que o Egito “era eles próprios”, que o Egito era as pessoas que lá estavam para declarar que, sob o regime de Mubarak o país não existia e, à partir desse momento passa a existir, e estas pessoas também [...].

A dimensão subjetiva que emana do Evento faz com que a multidão reunida na Praça seja reconhecida como a subjetivação do próprio povo egípcio que se levanta, declarando a existência do Inexistente. Como diz Badiou (2011, p.88) “*Dans le monde entier on admet que les gens qui étaient là, en ce lieu qu’ils ont construit, sont le peuple égyptien en personne*”, ou seja, que a força subjetiva da *Émeute Historique* que dá ensejo ao despertar do Inexistente, ao despertar do novo, faz da multidão o próprio Povo, cuja legitimidade se encontra no próprio povo. A energia subjetiva que emana dessa multidão concentrada no lugar conquistado, a praça, permanece intocada até mesmo pelos veículos de mídia ocidental que diante dessa energia não podem negar que é de fato o povo egípcio que está ali. Em Badiou (2011), existem três principais características que advém de uma *Émeute Historique* com um caráter político consolidado, ou seja, que chegou ao fim do período de intervalo. São essas características a intensificação, expressa pela força da energia subjetiva que une aqueles que estão no local conquistado, a localização, isto é, a existência de um espaço conquistado que congrega o povo, um espaço controlado pelo povo em sua energia subjetiva concentrada e finalmente o que Badiou (2011) chama de “Universalidade prescritiva”, ou seja, o despertar do novo na figura do despertar do Inexistente, que abre a possibilidade de novas formas de existência antes impossíveis. Além disso, também se fala da contração, isto é, a percepção de uma minoria como sendo portadora do destino de todos.

⁸ Aquilo que torna possível o despertar do inexistente.

Sobre a energia subjetiva que emana do povo concentrado na Praça é central que se diga que esta se legitima em si mesma, sua verdade está em si mesma. Ainda que numericamente sejam minoria, em um país do tamanho do Egito, a multidão adquire sua legitimidade em sua força subjetiva que a identifica como representa do povo do país e de seu novo destino. Sobre isso comenta Badiou (2011, p. 91, tradução e grifo nossos):

[...] Assim como a democracia de movimento, igualitária e imediata, se opõe essencialmente à “democracia” do poder do Capital, desigual e representativa, a ditadura exercida pelo movimento popular se opõe radicalmente às ditaduras como formas do Estado opressor e segregador. Por “Ditadura popular”, nós designamos uma autoridade que se legitima precisamente porque sua verdade provém do fato de que ela não se legitima que por si própria. À nenhuma pessoa é delegado o poder (como em uma autoridade representativa), ninguém necessita da propaganda para que o que é dito seja de fato dito, não há necessidade de uma força policial (como em um Estado ditatorial). Isso ocorre porque o que é dito é o que é *realmente verdadeiro na situação*, o que existe são aqueles que estão lá e estes são a evidência de uma minoria que conquistou a autoridade para declarar que o destino do país são eles [...].

Assim, a emergência da força subjetiva que faz da multidão “todo o povo” lhes confere uma legitimidade própria, que não é a mesma das estruturas ditas democráticas de cunho representativo próprias do ocidente capitalista. Aqui se está falando do que Badiou (2011) vai denominar “democracia de movimento”, ou seja, a democracia cuja legitimidade encontra-se não mais nas estruturas representativas mas no próprio movimento, no povo que reunido na Praça expressando a subjetividade na qual se baseia sua própria legitimidade, declara a possibilidade do novo. Diz Badiou (2011) aqui que há “a emergência de uma verdade”, isto é , “essa verdade se reporta ao próprio Ser do povo, no qual as pessoas são capazes de fatos e ideias”. Badiou menciona (2011, p. 92) a expressão dessa Verdade como sendo aquela que se dá “*sous la forme d’un nouveau possible antérieurement ignoré*”⁹. A emergência da Verdade que deriva do povo em seu espaço conquistado e de sua incontestável subjetividade, sedimenta a percepção de que há a possibilidade de um novo que dadas as condições anteriores seria um sonho impossível. A verdade provém do povo e sua legitimidade advém do próprio povo que declara como representante de todos, a possível nova existência.

Surge aqui a questão da manutenção da Ideia que sustenta o despertar e as características da *Émeute Historique*. O conceito de Ideia em Badiou (2011, p. 99) aqui “*Désigne une sorte de projection historique de ce que va être le devenir historique d’une politique, devenir originellement validé par l’émeute*”¹⁰, isto é, um tipo de projeção

⁹ Sob a forma de um novo possível anteriormente ignorado.

¹⁰ Designa um tipo de projeção histórica daquilo que se converterá em porvir histórico de uma política, porvir validado originalmente pela émeute, pelo protesto.

histórica do porvir de uma política, porvir este validado pela *Émeute*. A Ideia segundo Badiou (2011, p. 99, tradução nossa) “não precede o protesto, a *émeute*” mas “se aproveita de seus efeitos reais na construção de uma duração”. Aqui também é importante que se faça menção à figura da Ideia, da nova Verdade emergente, como centrais e cuja proteção em fidelidade é responsabilidade da organização cujo sujeito é o militante. A organização aparece aqui como a guardiã das características que dão substância à uma *Émeute*, que segundo Badiou (2011) são “intensificação, localização e contração”. Seu trabalho é dar substância política à Verdade emergente na qual se assenta a *Émeute*, é garantir politicamente a nova existência. Badiou (2011, p. 101, tradução nossa) diz acerca da organização que “a organização transforma em lei política essa ditadura da verdade onde o real do protesto histórico, da *émeute historique*, demonstra seu valor universal”. Aqui o filósofo ressalta a importância da organização na defesa da Verdade que emerge da *Émeute*, na continuidade desta mesma em seu afã de criar o novo, de propor uma nova temporalidade. A organização se converte assim naquele que é capaz de fazer com que a *Émeute* ganhe corpo, não de dissipando aos poucos, como ocorre em alguns casos. Sua tarefa é manter a localização, intensificação e concentração, sob o signo da Ideia, que se constrói concomitantemente à *Émeute*. A ideia é aqui o Real popular, o pilar que sustenta a *Émeute* e o Evento, digamos, aquilo que torna possível que o novo tempo seja declarado, que seja o “impossível” finalmente “possível”. Sobre o evento cabe dizer que este anuncia uma “reabertura da história” quando, segundo Badiou (2011) apresenta três características mencionadas e que é de grande valia que não sejam esquecidas, são elas: contração, localização e intensificação. Retornando, por fim, ao papel da organização na manutenção da *Émeute*, conclui Badiou (2011, p.106, tradução nossa),

[...] O processo que denomino “organização é, então, uma tentativa de se preservarem as características do Evento (intensificação, contração, localização), pois o Evento enquanto inicial já não possui sua força do começo. A organização é nesse sentido o espaço subjetivo onde se desenvolve a Ideia, a transformação da força do evento em temporalidade [...].

A organização tem como questão principal a garantia das características da *Émeute* para que este se mantenha e não perca sua energia subjetiva inicial. É papel da organização garantir a continuidade dessa nova temporalidade fundada pela *Émeute* de cujo poder subjetivo deriva uma Verdade própria. A organização garante a continuidade da *Émeute* ao trabalhar a Ideia que a sustenta e que dela emana, garantindo por conseguinte também o “Evento como reabertura da História”, como o despertar do impossível.

Se passará à seguir a uma discussão igualmente importante para que se compreenda a relevância do debate acerca das *Émeutes* e dos conceitos que dela derivam. Em seguida será feita uma recapitulação dos conceitos aqui trabalhados e da sua relevância para o debate

acerca da hipótese comunista e a sua confirmação como a hipótese que poderá superar o paradigma da democracia capitalista.

3.5 OS CONCEITOS DE “OBJETOS IDENTITÁRIOS / NOMES SEGREGADORES”

O Estado é por essência, segundo Badiou (2011, p. 109), “*une machine à fabriquer de l’inexistant*”, ou seja, é uma máquina que por excelência exclui. Vejamos o caso que Badiou (2011) menciona, o caso dos imigrantes mulçumanos na França. Se diz comumente sobre os mulçumanos que possuem valores que diferem dos valores “Franceses”, isto é, que são aversos à “democracia”, que oprimem as mulheres, que são “belicosos”, “nao civilizados”. O oposto disso seria o Francês padrão, portador de “valores democráticos”, “tolerante”, “defensor da liberdade”, “civilizado”. Dessa relação se pode extrair que todo aquele que não faça parte daquilo que se entende como sendo “Francês” será tido como inexistente, o que no caso do governo francês significa fazer com que estes mulçumanos sejam “de fato” inexistentes. Para tanto, se utilizam de medidas repressivas e autoritárias que os excluem do que é “Ser Francês”, já que no fim das contas eles não o são pois representam o diferente, estão fora do constructo imaginário do “Francês modelo”. Sobre essa construção imaginada da identidade, diz Badiou (2011, p.111/112, tradução nossa, grifo nosso):

[...] Esse objeto imaginário de predicados inconsistentes, o “francês”, o “F” médio é, por exemplo, laico, feminista, civilizado, trabalhador, aluno bem comportado da escola republicana, branco, que fala bem o francês, galanteador, corajoso, de civilização cristã, indisciplinado, sujeito da pátria e dos direitos do homem, menos sério que os alemães, mais abertos que os suíços, menos preguiçosos que os italianos, democrata, bom cozinheiro..e tantas outras coisas variáveis e contraditórias, alimentadas pelas propagandas nacionais em função das circunstâncias. O essencial é que se possa falar do “francês” como pura retórica, como se ele *de fato existisse* [...].

Essa identidade imaginada, construída e seguidamente alimentada pelo Estado funciona como meio de exclusão daqueles que não participam dessa identidade concebida. O que Badiou (2011, p.111) chama de “*le français moyen*” é a o “objeto identitário” que reúne em si aquilo que é imaginado como o francês “padrão” que ao passo que afirma uma identidade pré-concebida do tipo francês a ser seguido também define os limites daquele que é ou não é francês. Dessa construção deriva a segregação dos grupos considerados “não franceses”, grupos que estão excluídos do modelo de francês padrão e que por esse mesmo motivo estão sujeitos à todo tipo de repressão e violência por parte do Estado que é sustentáculo do “objeto identitário francês”. Aos constructos que servem para segregar

aqueles considerados “não franceses” dos franceses Badiou (2011) denomina “*noms séparateurs*”, nomes segregadores. Sobre a questão da construção de uma identidade e sua afirmação por parte do Estado e a consequente segregação daqueles que não compartilham dessa identidade, diz Badiou (2011, p.115, tradução nossa):

[...] O que existe em todo caso, desde que a febre identitária faz com que se banalise a referencia aos objetos imaginários do gênero “F”, é o aparecimento de nomes que designam coletivamente os suspeitos. Esses nomes na França de hoje são variados. Todos expõe um grupo de indivíduos do nosso país a estigmatização, sob o desígnio de “não serem normais” em relação à seu grau de identidade. São esses nomes que se aplicam às coletividades de suspeitos. Eu os denomino “nomes segregadores”. [...].

Os “*noms séparateurs*” de Badiou (2011) designam aqueles que não fazem parte do “*objet idéntitaire*” construído e apoiado pelo Estado. O elemento do universal aqui é negado e substituído por objetos identitários que afirmam identidades concebidas para segregar, o que se dá na forma dos *noms séparateurs*. Badiou (2011) menciona alguns desses nomes separadores comuns na França atual que ao que constam aparecem frequentemente como “islamistas”, “Burca”, “jovem da periferia”, “muçulmanos”. São as características que ao não estarem incluídas na identidade pensada como sendo a do francês padrão passam a ser segregadas e perseguidas mediante repressão do Estado aos que estiverem excluídos do “Ser francês” oficial, imaginado e claramente ficcional. Aqui se tem a raiz mais antiga da opressão Estatal, a segregação por meio da imposição de uma identidade una a qual deve ser seguida sob a pena de ser mantido à margem. Vide os casos dos imigrantes, dos mulçumanos, dos jovens das periferias das grandes cidades francesas. São estes a negação do modelo de francês padrão com o que devem ser mantidos à margem, sob o controle do Estado pois constituem uma “ameaça”, “objeto identitário” construído e legitimado pelo poder do Estado.

3.6 O CONCEITO DE VERDADE POLÍTICA EM BADIOU

Um conceito fundamental no pensamento de Badiou (2011) é o de “Verdade política”, conceito este que é fundamental para que se compreenda a Ideia comunista e a sua emergência face à crise do capitalismo. Badiou comenta o conceito de “Verdade política” e as circunstâncias de sua emergência. Diz o filósofo que,

[...] Nós podemos em todo caso propor uma definição do que é uma verdade política: Uma verdade política é o produto organizado de um Evento – um protesto histórico, émeute historique – que conserva intensificação, contração e localização, até o ponto em que pode substituir um objeto identitário e os nomes segregadores por uma apresentação real da força do genérico tal qual o Evento deu a medida [...] (BADIOU, 2011, p.120, tradução nossa).

A *Émeute historique* ou, segundo Badiou (2011, p. 88), “aquilo que torna possível do despertar do inexistente” (evento), quando as características que a fazem ser uma *Émeute* política, isto é, a intensificação, a contração e a localização, se mantém a ponto de dar ensejo a, como diz Badiou (2011), “*la vérité neuve*”, “a construção” da nova temporalidade. E essa nova Verdade, que emana da *Émeute* em sua plenitude conservada, logra substituir um objeto identitário, constructo imaginado pelo Estado para segregar (ex, francês, judeu) e abolir ao mesmo tempo os nomes separadores, que marginalizam todo aquele que não fizer parte do objeto identitário. A *Émeute* passa, assim, a se organizar em todo de uma Ideia a qual ela deu origem e essa mesma Ideia é defendida pela figura do “militante” e de uma organização, elementos que garantem a continuidade da *Émeute* e a efetiva construção de uma nova verdade onde o impossível torna-se possível. A energia do Genérico, do Universal renasce e abre caminho para o despertar da história, fato que é comentado por Badiou (2011, p.116, tradução nossa) na seguinte passagem,

[...] Quando em efeito um evento emancipador se enraíza em um protesto histórico, observamos desde o começo o desaparecimento ou ao menos o enfraquecimento considerável dos nomes segregadores. Há o exemplo bem conhecido da revolução francesa onde se decidiu que os judeus ou os protestantes também são cidadãos como os demais [...] A norma, ao invés de ser identitária, se tornou genérica: aquele prova, por suas ações, que é dotado do gênero humano deve ser tratado igualitariamente, como um dos nossos [...].

Uma verdade política é, por conseguinte, como diz Badiou (2011, p.120) “o produto de uma *Émeute historique* organizada”. É uma *Émeute* em sua fase madura, onde a construção do novo possível, de um possível “Universal”, adquire suficiente amadurecimento para chegar tornar possível a continuidade de tal “despertar”. No Egito de Mubarak, “todos” estavam lá, o inexistente despertara para retomar seu lugar na história do país, os objetos identitários e os nomes separadores foram suplantados pela força do Universal e as características próprias da *Émeute* foram mantidas. Uma nova verdade política estaria nascendo onde antes o impossível davam o tom da existência. Tal verdade se legitima por ela mesma, pela energia subjetiva que emana da *Émeute*, pela força do despertar do Inexistente. Se trata aqui do renascimento, após anos de hegemonia da democracia capitalista, da categoria de Verdades na política. E essa Verdade, com sua correspondente Ideia e organização poderão fazer da *Émeute*, a “Verdade organizada”, um verdadeiro despertar da história, que junto com o questionamento da ordem fazem com que a possibilidade do novo volte a fazer parte da História do porvir.

A seguir passa-se a uma recapitulação dos conceitos introduzidos anteriormente à fim de que se possa efetivamente proceder à uma análise da Ideia comunista e de sua emergência

no contexto da crise do capitalismo na atualidade. Se fará a tentativa de mostrar a validade da Ideia Comunista como aquela que poderá se constituir em um horizonte que seja uma alternativa ao Real do Capital.

4 RECAPITULAÇÃO CONCEITUAL

Em sua reflexão acerca dos últimos acontecimentos que sacudiram os países árabes, Badiou (2011) traz conceitos de grande importância para que se compreenda a emergência da Ideia comunista e a sua centralidade como horizonte de crítica e construção da superação da democracia capitalista e de suas mazelas. Tais conceitos apresentados pelo filósofo servem de guia para a elucidação do Despertar da História de nosso tempo, este o signo da possibilidade da renovação, passada primeira década da queda do Muro de Berlim, da crítica ao capitalismo e da perspectiva do novo. O tempo do renascimento da Ideia, que segundo os teóricos defensores do capitalismo, seria impossível diante da aparente vitória do capitalismo, torna-se mais uma vez possível na medida em que os Eventos, sejam *Émeutes Historiques* ou *Immédiates*, apontam para uma retomada dos antigos sonhos libertários. Trata-se aqui do retorno da perspectiva do Universal, da validade de uma Verdade política, da possibilidade de resistência ao deserto da Democracia Capitalista que em nosso tempo se apresenta em sua forma neoliberal.

Sendo assim, Badiou (2011) apresenta os conceitos centrais de *Émeute historique*, usando como exemplo o caso Egípcio, além dos conceitos de *Émeute Immédiate*, Verdade política, Organização, Objetos inditáveis, Nomes separadores e Ideia. As *Émeutes Immédiates* são, segundo Badiou (2011), essencialmente “nihilistas, isto é, uma subversão momentânea e espontânea da ordem sem um caráter claramente político, uma reação espontânea de um grupo específico às condições de miserabilidade e opressão em que vivem. Foi usado anteriormente o exemplo dos protestos estudantis em Londres, que durante curto período de tempo sacudiu a capital inglesa. Em Badiou (2011) há a ausência nas *Émeutes Immédiates* do elemento político como principal característica, sendo estas essencialmente nihilistas. Não possuem as características de uma *Émeute Historique* em sua fase plenamente política, que faz desta um Evento emancipador e não apenas somente uma explosão de raiva contra as condições de miserabilidade impostas pelo Sistema capitalista. Entre essas características estão a intensificação, a partilha de diferentes intensidades de existência, a contração, que diz respeito à transformação da *Émeute* em como diz Badiou (2011), uma representação de si mesma, uma metonímia da situação de união e a localização que é a construção de um lugar simbólico que traduza a capacidade dos que estão lá de construir seu próprio destino. Em suma, a *Émeute Immédiate* se mantém restrita, puramente nihilista e desprovida do elemento político que caracteriza *Émeute Historique*.

As *Émeutes Historiques*, ao contrário das *Émeutes Immédiates*, possuem as características supracitadas. Sua localização deixa de ser restrita, sua composição deixa de ser uniforme mas como dito anteriormente funda uma Subjetividade própria que faz dos presentes representantes de “todo o povo”. As *Émeutes historiques* segundo Badiou (2011) fundam uma promessa de uma nova temporalidade, de um novo possível antes não imaginado à longo prazo. E quando conquista sua independência em relação às estruturas do Estado, quando passa a olhar a ter-se a si mesma como referencia, a *Émeute Historique* consolida seu elemento político. Aqui, a sinaliza-se a possibilidade também de uma nova política e da importância da figura da *organização* como aquela que conservará por meio da militância, da fidelidade à *Émeute*, as características que fazem desta o sinal fazem desta uma *Émeute Historique*, isto é, a intensificação, a contração e a localização, expressões da reconquista do Novo. As *Émeutes Historiques*, assim, abrem caminho para o Despertar daquele que antes vivia nas sombras, faz despertar o sentimento do Universal por meio de uma Ideia.

A Ideia surge como um conceito central, aquele dará sustentação, junto com a organização, à *Émeute Historique* à qual se ligam. A ideia segundo Badiou (2011) designa também a operação mediativa entre o Real e o Simbólico. Para tanto Badiou (2011, p. 99) usa o exemplo da palavra Comunismo que, segundo o filósofo “*designe la possibilite, subjectivement assumée, d’une société radicalement différente, parce que soustraite à l’entreprise du capital, normée par l’égalité et gouverné par la libre association de ceux qui la composent*”¹¹. A ideia designa, portanto, o futuro de uma política cujo despertar se deu por meio da *Émeute*, com o que é possível afirmar que a *Émeute* e a Ideia não se separam mais sim se nutrem uma da outra na construção de um porvir histórico daquilo que teve seu despertar decretado. Quanto à duração, esta depende a construção permanente e da manutenção, de localização, contração e intensificação, trabalho a ser levado à cabo pela organização e seus militantes sob a égide da Ideia.

Da conjunção da Ideia e da *Émeute*, cuja continuidade depende do trabalho da organização afim de que se possa falar de um porvir, nasce a Verdade política, a qual reúne a essência da *Émeute*. Sobre a Verdade Política, diz Badiou (2011, p.127, tradução nossa):

[...] Uma verdade política é o prosseguimento de uma série de consequências, organizadas sob a égide de uma Ideia, de um evento popular massivo, onde intensificação, contração e localização substituem um objeto identitário e os nomes segregadores por uma apresentação real da força do genérico, do múltiplo [...].

¹¹ Designa a possibilidade, subjetivamente assumida, de uma sociedade radicalmente diferente, isenta da empresa do Capital, regulada e governada pela livre associação daqueles que a compõe.

A substituição de um objeto identitário, isto é, uma identidade imaginada (ex: Francês padrão) que visa a opressão e separação dos indivíduos e cuja origem se encontra no Estado se dá pela Émeute. Os nomes separadores, predicados que designam aqueles que estão fora do objeto identitário pensado (ex: mulçumanos, pobres) também são abolidos pelo advento da Émeute Historique. Aqui novamente aparecem as características da Émeute e que substituem objetos identitários e nomes separadores. A localização, isto é, a conquista de um local por parte dos que manifestam e a sua identificação como uma Ideia, somado ao aspecto da intensificação, isto é a energia subjetiva que se desprende da Émeute, a exaltação do coletivo reunido e que declara sua existência, além do aspecto da contração ou a elevação de uma minoria da população que ali está em vanguarda do processo que é “em essência”, subjetivamente, a maioria, substitui os objetos identitários e os nomes separadores refundando a força do Universal.

O tempo presente é, não obstante suas contradições e assim mesmo por essa razão, o tempo do renascimento da Ideia, da latente emergência de uma Verdade Política. É o tempo da retomada da crítica à nefasta combinação de capitalismo e democracia representativa, tempo de retomada dos sonhos, da *puissance* do Universal encarnado pelo povo nas ruas e praças. O tempo do fim das ideologias parece enfim começar a dar sinais de esgotamento, vide as crises sociais, ambientais, econômica e a dar lugar a um momento caracterizado pelo que Badiou (2011, p.139, tradução nossa) denomina (e que dá título a um de seus livros) “Despertar da História”, isto é,

[...] As pessoas se reúnem em um lugar para que aquilo que elas façam e digam tenha por toda parte o mesmo valor. Essa extensão inicial será retirada dessa condição pelas pessoas que pensarão: “Já que conto necessariamente como parte do “todo”, tentarei fazer parecido que aqueles que, ali, em um lugar preciso, agiram e falaram como se eles estivessem em toda parte. Há aqui um vai e vem: É por isso que aqueles que se lançaram na empresa do protesto histórico e sua organização eventual abrem um espaço singular ao Universal. Em toda parte, pelo mundo, as massas ainda submetidas, escravizadas chegam a se identificar com esses pioneiros de uma História re-aberta [...].

O despertar da história é portanto o despertar, à partir da figura das Émeutes, vide aqui a Émeute Egípcia como exemplo, do Universal e por tabela da possibilidade da mudança, da reconquista da História por aqueles que antes se viam oprimidos, escravizados por Ditaduras extremamente violentas e/ou pelas democracias ocidentais. A figura da *Émeute* decreta a reabertura da História e traz a atenção de todos os olhares para a praça Tahrir onde, ao que tudo indica, se está demandando muito mais que apenas democracia nos moldes ocidentais. É evidente que não se pode falar em revolução aqui e tampouco se pode afirmar com segurança qual futuro terá a *Émeute* egípcia que Badiou (2011) usa como exemplo. Mas ainda assim, é

possível afirmar que, dadas as suas características, e do fato de ser uma *Émeute Historique*, se trata do despertar da história, da renovação da possibilidade de se criticar o binômio democracia-capitalismo. A reabertura da História anunciadas pelas *Émeutes Historiques* abrem espaço para demais proposições acerca do futuro a se construir, uma vez que agora há novamente a possibilidade de falar em um outro futuro possível.

O despertar da história, que é também o despertar da Ideia, abre espaço para novos debates acerca do futuro a ser construído. Na arena da história liberta das amarras do impossível, a Ideia comunista ressurgue e, como veremos mais adiante, sob a figura da reconquista do Comum, apresenta seus horizontes para a discussão da superação do Sistema capitalista diante da evidente crise sócia e ambiental que segundo Zizek (2011), tem requintes apocalípticos. Portanto, nutrida pela reabertura da história, a discussão da Ideia comunista se fortalece e coloca mais uma vez em causa o binômio democracia-capitalismo demonstrando sua falência ideológica, tendo o 11 de setembro como símbolo máximo e a crise econômica como símbolo da sua falência como sistema econômico. Soma-se, aqui, por livre iniciativa do autor desse trabalho, uma breve reflexão que introduzirá o debate que se seguirá. Uma vez que o sistema encontrou suas “mortes” ideológica e econômica e no presente momento tenta de qualquer jeito salvar-se, enfrentando o realismo das *Émeutes Historiques*, trata-se agora de enterrar de vez o “morto” e para tanto será apresentada Ideia comunista.

4.1 A HIPÓTESE COMUNISTA NA ATUALIDADE E A URGÊNCIA DA IDEIA COMUNISTA

A hipótese comunista, aqui colocada por Badiou (2008), como sendo a hipótese da superação das relações de desigualdade introduzidas pela da lógica de classe, isto é, pela sociedade em sua divisão em classes sociais, é em essência a proposição da ideia de que o “eterno” da exploração, pode ser substituído por uma nova forma de organização societária. A hipótese comunista é, então, a hipótese da classe trabalhadora, a hipótese da superação da exploração, da desigualdade introduzida pelas relações inerentes ao sistema capitalista. É a afirmação de que o impossível é de fato possível e que a opressão capitalista materializada muitas vezes na sua forma Estatal não é eterna nem tampouco é insuperável. A hipótese comunista é, por conseguinte, aquela da construção de uma nova realidade e nesse sentido a discussão anterior será, como se verá adiante, de grande valia, uma vez que a reabertura da

história dá lugar justamente a um cenário onde o impossível se torna possível e tempo das Ideias aparenta ser o horizonte futuro.

A hipótese comunista, assim como quaisquer outras que questionassem o binômio capitalismo-democracia, estiveram em grande descrédito durante os anos posteriores à queda do muro de Berlim. O consenso construído em torno de tal binômio marcou a década seguinte e trazia como princípio a noção de que diante da queda do muro ficaria evidente a vitória do capitalismo de modo que pensar sua superação não passaria de puro delírio totalitário. A crise ideológica que atravessou o binômio à partir do 11 de setembro e sua conseguinte crise econômica no ano de 2008, esta seguida por insurreições populares nos países árabes, colocou em evidência o fato de que o consenso estava claramente abalado. As promessas de prosperidade e pujança feitas diante dos escombros do muro não se realizaram e diante do despertar da história, anunciado pelas Émeutes Historiques, parece se abrir um novo período onde a novo parece se torna mais uma vez possível. A Ideia comunista, que deriva de sua hipótese homônima, ressurgue como igualmente possível e como em Žižek (2011, p. 82), necessária e fundamental na construção de uma alternativa. Afirma o filósofo que,

[...] Portanto, mais uma vez, não basta se manter fiel à Ideia comunista; é preciso localizar dentro da realidade histórica antagonismos que deem urgência prática a essa Ideia. A única pergunta *verdadeira* hoje é: endossamos a “naturalização” predominante do capitalismo ou o capitalismo global contemporâneo contém antagonismos suficientemente fortes para impedir sua reprodução indefinida? Há quatro desses antagonismos: a ameaça crescente de catástrofe *ecológica*; a inadequação da noção de *propriedade privada* em relação a chamada “propriedade intelectual”; as implicações socioéticas da *nova evolução tecnocientífica* (em especial a biogenética); e não menos importante, a criação de *novas formas de apartheid*, os novos muros e favelas. Há uma diferença qualitativa entre esse último antagonismo - a lacuna que separa os excluídos dos incluídos - e os outros três, que designam aspectos diferentes do que Hardt e Negri chamam de “áreas comuns”, a substância compartilhada de nosso Ser social cuja privatização é um ato violento ao qual deveríamos resistir[...].

Consequentemente, a necessidade da Ideia comunista representa em si a necessidade de uma proposição que conduza à superação capitalismo que, diante da iminente catástrofe ecológica, da apropriação da linguagem, da infra-estrutura compartilhada, da herança genética, o abismo entre excluídos e incluídos, se apresenta como uma ameaça real a própria existência humana. Žižek (2011) apresenta aqui o fato de que a reprodução do capitalismo e das relações que dele advém não poderão dar-se de forma indefinida e que os quatro antagonismos apresentados evidenciam este fato. A crise ambiental e social, da prosperidade intelectual e do patrimônio genético são os signos do “fim” do possível para a existência humana propriamente dita e a Ideia comunista é aquela que, ressuscitada, poderá apontar para a superação do capitalismo.

Ao mencionar a urgência da Ideia comunista Zizek (2011) destaca a questão do “cercamento das áreas comuns”, que avançam dia após dia no capitalismo atual, como o aspecto que traz novamente a cena do debate a noção de comunismo. Tal cercamento se dá em quase todos os aspectos da vida, levando o filósofo a afirmar que “o que nos une é que, em contraste com a imagem clássica do proletariado que “não tem nada a perder a não ser os seus grilhões”, corremos o risco de perder tudo” , questão que evidencia que, diante da barbárie capitalista atual, nos transformamos todos em proletários, desprovidos de nosso Ser comum, apropriado, privatizado. Daí afirmar que, diante do cercamento das áreas comuns, isto é, da apropriação de tudo que nos é comum, de nosso patrimônio genético ao espaço natural onde vivemos, todos somos de alguma maneira excluídos.

Evitando a sedução da proposição da pós-modernidade, Zizek dá ênfase particularmente ao elemento do abismo entre excluídos e incluídos e visando tal fim diz o filósofo que,

[...] Então, fidelidade a Ideia comunista significa que, como disse Arthur Rimbaud – *il faut être absolument moderne* - temos de nos manter resolutamente modernos e rejeitar a generalização superficial pela qual a crítica ao capitalismo se transforma em crítica da “razão instrumental” ou da “civilização tecnológica moderna”. É por isto que devemos insistir na diferença qualitativa entre o quarto antagonismo – a lacuna que separa os excluídos dos incluídos – e os outros três: só essa referencia aos excluídos é que justifica o uso da palavra comunismo [...] (ZIZEK, 2011, p. 87, grifo do autor).

A menção aos excluídos é, assim, o que justifica o retorno à palavra comunismo e esta faz com que dos quatro antagonismos seja este último aquele que faz com que toda a problemática não seja envolvida pelo discurso pós-moderno que relativiza a questão, tornando-a não mais uma característica inerente ao próprio sistema capitalista mas um problema da pós-modernidade. Resolver o problema dos excluídos passa justamente por colocar em causa o próprio capitalismo o cercamento que este faz dos espaços comuns, da própria existência, encaminhando toda a humanidade para um destino de barbárie total. Mais do que nunca a frase proferida por Rosa Luxemburgo teve tamanha validade, isto é, nunca antes estivemos tão divididos entre a mudança radical ou a aceitação da barbárie capitalista. Falar na emergência da Ideia comunista no atual momento histórico é falar da reconquista dos espaços comuns sob a lógica dos excluídos, realizando o espírito do Coletivo e confirmando a validade atual da Hipótese comunista. Como se verá adiante, a essência do que se denomina Ideia comunista é a noção do Coletivo, do comum e é a partir dessa noção que tal Ideia se constitui como o oposto imediato da barbárie anunciada.

4.2 O PROCESSO DA IDEIA COMUNISTA: O ELEMENTO POLÍTICO

Para a análise da Ideia comunista é preciso, segundo Badiou (2010b) conhecer os três elementos que a compõe e que são, o elemento histórico, o elemento político e o elemento subjetivo. Aqui, o filósofo traz o elemento do que é, no contexto da Ideia comunista, uma verdade política. Como já visto anteriormente, a definição apresentada aprofunda alguns dos elementos que dão corpo à uma verdade política. Nesse momento, no entanto, nos é mais útil a definição mais breve que Badiou apresenta em “A hipótese comunista”. Diz o filósofo, em resumo, que uma verdade política é “uma sequência específica de tempo onde um novo pensamento e uma nova forma de ação de emancipação coletiva surgem, existem e eventualmente desaparecem”. Como exemplos, acima podemos ver a menção à revolução francesa e à revolução russa, assim como, mais adiante, o filósofo também mencionará a revolução cultural chinesa. Tais momentos históricos são de fato exemplos da emergência de verdades políticas.

O exemplo da revolução francesa é bastante claro no sentido de desvendar a natureza do que é uma verdade política na sua acepção necessária a fim de que compreenda a Ideia comunista. Seu advento trouxe consigo, por um determinado período de tempo, práticas coletivas e formas de pensamento que claramente representavam uma novidade para seu tempo. Novas formas de ação e pensamento de emancipação coletiva brotavam e se constuíam na vanguarda daquele processo, questionando a ordem vigente e propondo por conseguinte um novo possível para a existência. Não é mesmo à toa, assim, que Badiou (2010b) faça menção à categoria de verdade política para qualificar as Émeutes que no presente século decretam um despertar da história. Tampouco o é quando o filósofo qualifica a revolução cultural como geradora de uma verdade política, já que esta, malgrado os seus resultados políticos, trazia em si a novidade de ação e pensamento de emancipação coletiva.

4.3 O ELEMENTO HISTÓRICO

A dimensão histórica aparece aqui como o elemento que confere à uma verdade o seu caráter transtemporal. Trata-se de uma interação entre os diferentes tipos de verdade surgidas historicamente que se relacionam entre si ainda que estejam inscritas em momentos históricos

distintos. Badiou (2010b) fala aqui em um efeito “retroativo” de uma verdade sobre outra distinta, o que comprova o seu caráter transtemporal. Quando o filósofo (BADIOU, 2010b) menciona os predicados `chinês` ou `francês` ele faz referencia à localização temporal de uma determinada verdade, o elemento local, espacial e temporal em que se inscreve uma verdade resultante de um momento histórico específico.

O exemplo da revolução russa é de grande valia no intento de se compreender a dimensão do elemento histórico. A verdade política criada à partir do processo histórico-político da revolução, se relaciona com outras verdades criadas em momentos históricos anteriores ao seu surgimento, como é o caso das experiências revolucionárias do século XVIII . E assim como a verdade política surgida do processo revolucionário russo se reporta a outras verdades anteriores, também se relaciona hoje em dia com a verdade que parece emergir dos processos das Émeutes historiques analisadas por Badiou (2010b) e comentadas anteriormente. A interrelação entre as verdades políticas criadas em diferentes momentos da história lhes confere, portanto, seu caráter transtemporal e é nesse quesito por exemplo que ainda se pode falar, em alguma medida, na validade de experiências como a revolução cultural e a revolução russa e das verdades que estas geraram.

Retornando à Ideia é importante que se faça menção ao fato de que as Verdades políticas são, ainda que possuam uma dimensão histórica que as localize, em última instância, dotadas de uma validade universal no sentido de que se inscrevem simbolicamente no próprio porvir da humanidade. Tais verdades envolvem em seu destino o futuro da humanidade na medida em que se proclamam como suas legítimas representantes e, por isto mesmo, se universalizam. E aqui faz-se importante ressaltar, para finalizar , o valor universal e emancipatório de uma verdade política e sua ligação intrínseca com a Ideia, uma vez que é a Ideia que mantém, concomitantemente com os sujeitos do processo que a defendem, a durabilidade e a inscrição da verdade política em questão na História.

4.4 O ELEMENTO SUBJETIVO

O elemento subjetivo aparece aqui como a capacidade do indivíduo de projetar-se em uma verdade política historicamente construída e dela fazer parte, abandonando as premissas do individualismo. O elemento da subjetividade é que faz com que o indivíduo se identifique com a verdade política coletivamente trabalhada e a defenda como se “de fato” fizesse parte dela.

Badiou (2010b) denomina o elemento da subjetivação como “a parte material de uma verdade” e as implicações de tal afirmação nos conduzem a questão da perpetuação de uma verdade política. O indivíduo, ao abandonar sua condição individualista, se liga à uma verdade que, recordemos, é um momento histórico onde novas formas de ação e pensamento de emancipação surgem. Ao fazê-lo, o indivíduo se soma ao que Badiou (2010b) denomina “corpo de uma verdade”, isto é, tudo aquilo que dá substância à uma verdade. Por conseguinte, o indivíduo em seu movimento de subjetivação é uma parte integrante fundamental da formação e consolidação de uma verdade.

A subjetivação é extremamente importante para que se chegue à Ideia comunista pois como veremos adiante, do engajamento em uma verdade depende o sucesso da retomada da Hipótese comunista, a hipótese da construção de um outro possível para o mundo. O engajamento em uma Ideia se opõe ao individualismo mesquinho dos dias de hoje e é a essência para se compreender a Hipótese comunista, que é a mesma da emancipação humana da injustiça inerente ao sistema capitalista. Portanto, a subjetivação é aquilo que impulsiona o indivíduo ao interior de uma verdade política e o implica justamente em um processo de emancipação que vai além das premissas individualistas nas quais está baseado o sistema da opressão. Sendo assim, o elemento subjetivo, nos traz a capacidade de se participar em um evento de verdade e juntamente com os elementos histórico, que traz a transtemporalidade de uma verdade, e político, que expõe a essência do que é uma verdade política, isto é, uma sequência temporal em que ideias e formas de ação de emancipação emergem no cenário histórico-político.

Em seguida, se procederá à uma construção final do que é a Ideia comunista para que enfim se possa chegar à sua contextualização nos dias atuais e sobretudo na sua relevância como Ideia que deverá servir de subterfúgio para que se pense uma possibilidade uma nova existência que se oponha à que experimentamos nos dias atuais.

4.5 CONSTRUINDO A IDEIA COMUNISTA

[...] Afirmaremos portanto o seguinte: A ideia expõe uma verdade em uma estrutura ficcional. No caso específico da Ideia comunista, que é operativa quando a verdade com que esta lida é uma sequência política emancipatória, afirmaremos que “comunismo” expõe essa sequência (e consequentemente seus militantes) na ordem simbólica da História. Em outras palavras, a Ideia comunista é a operação imaginária onde uma subjetivação individual projeta um fragmento do real político para a narrativa simbólica da história [...] (BADIOU, 2010b, p.239, tradução nossa).

A fim de que se alcance então a dimensão da Ideia comunista é fundamental colocar alguns dos conceitos fundamentais para sua compreensão. Os conceitos de verdade política, Ideia, Evento, foram alguns dos conceitos apresentados anteriormente e que se constituem em elementos necessários para a compreensão da relevância da Ideia comunista como alternativa para se pensar os caminhos alternativos ao Real do mundo do capital. Há, entretanto, outros conceitos que se deve ter em mente para que se dimensione efetivamente o valor da Ideia comunista como ideia de emancipação e sua emergência no contexto atual (discussão travada anteriormente). São estes conceitos, então, o de uma História como lugar simbólico e de um procedimento de verdade, elemento que Badiou (2010b, p. 238) destaca como sendo “*the real on which the Idea is based*”¹², ou seja, o real do qual se nutre a Ideia. Lembremos aqui que no caso da Émeute egípcia, discutida anteriormente, que nos servirá também como exemplo ilustrativo, o Real emanava da Émeute Historique e de sua inscrição simbólica na História como demarcação da reabertura da história para o advento da Ideia, do novo como mais uma vez um caminho possível.

Aqui os conceitos apresentados anteriormente do que é uma Ideia, uma verdade política se somam à noção da história como lugar simbólico e de um procedimento que constitui uma verdade, além dos elementos constitutivos do processo de se pensar a Ideia comunista, os elementos subjetivo, político e histórico, na construção do caminho que nos conduzirá a Ideia comunista. Se soma também a esse processo de reflexão apresentado aqui a discussão travada anteriormente sobre as Émeutes historiques do nosso tempo e suas características de localização, contração e intensificação ancoradas na promessa de uma nova temporalidade. De tal discussão é importante se observar que o advento das Émeutes Historiques, ao propor uma nova temporalidade, sinalizam para a reabertura da história para o advento da Ideia em si e sendo a Ideia, como diz Badiou (2010b, p. 246) “uma mediação operativa entre o Real e o Simbólico”, temos aqui efetivamente um espaço a ser ocupado pela Ideia. A ideia como sendo o entrecaminho entre o Evento, a Émeute Historique e o real que dela emana. A partir disso então afirmar a relevância do despertar da história como o lugar simbólico onde poderá se inscrever a o Real da emancipação humana, a Ideia comunista e sua hipótese emancipatória.

A fim de que se aprofunde um pouco mais a discussão é importante trazer discussão que Badiou (2011) apresenta em sua obra “*Le réveil de l'Histoire*” acerca do que é uma verdade no seu sentido mais geral. O filósofo sobre a essência de uma Verdade que,

¹² O real no qual se baseia a Ideia.

[...] As verdades são a própria realidade enquanto que processo de produção de novidades políticas, de sequencias políticas, de revoluções políticas, etc [...] Verdades – mas de que ? Verdades daquilo que é efetivamente a apresentação coletiva da humanidade como tal (o comum do comunismo). Ou verdade do que os animais são capazes, para além de seus interesses vitais, para fazer existir a justiça, a igualdade, a universalidade (a presença prática daquilo que pode a Ideia) [...] (BADIOU, 2011, p.130, tradução nossa).

Com isso é possível retirar dessa reflexão o elemento da verdade como sendo a expressão, ou próprio processo em si, de produção do novo na política. Como havia dito anteriormente, Badiou (2010b), coloca o eleva o elemento da verdade como uma categoria filosófica fundamental no pensar a Ideia comunista. O filósofo coloca a verdade como o elemento que traduz as sequencias históricas de emancipação, onde o novo nasce e renasce na busca permanente pelo ideal da emancipação humana. O que cabe ressaltar aqui é, então, a natureza renovadora de uma verdade e que a verdade que emana da chamada Ideia comunista é a verdade em sua essência última: a emancipação humana como elemento central.

Processos históricos como os citados anteriormente, que é o caso da revolução russa, da revolução francesa e da revolução cultural, exaustivamente analisada por Badiou, trazem em si verdades políticas próprias mas que em essência expressam o anseio por emancipação. Aqui deve-se ter em mente que, diferentemente de outras Ideias, a Ideia do comunismo é, como veremos mais adiante, a Ideia da emancipação que encontra eco justamente no despertar da história e que renova a Hipótese comunista. Sobre a hipótese comunista é fundamental lembrar apenas que se trata da hipótese da emancipação pela via classista, substituindo o sistema capitalista por um sistema baseado na livre associação dos produtores. É a recusa do sistema capitalista como o eterno a ser passivamente aceito, a busca pela emancipação coletiva. E aqui é importante retornar a discussão que Badiou trava acerca da Ideia comunista, no que diz o filósofo:

[...] Recapitulemos o mais simples possível. Uma verdade é o real político. A história, ainda como reservatório de nomes próprios, é um lugar simbólico. A operação ideológica da Ideia do comunismo é a projeção imaginária do real político no espaço simbólico da história. O papel dessa Ideia é dar sustentação a incorporação na disciplina de um processo de verdade, é autorizar o indivíduo a ir além das restrições do Estado de mera sobrevivência se tornando parte de um corpo de verdade, de um corpo subjetivável [...] (BADIOU, 2010b, p.252, tradução nossa).

A partir dessa reflexão, Badiou (2010b) revela a essência da operação que constitui a Ideia comunista, isto é, sua tarefa de permitir ao indivíduo que este se incorpore à uma verdade coletivamente construída, indo além do possível e se tornando parte de um corpo de uma verdade. A Ideia comunista está aqui formalmente constituída como a construção de pensamento que permite a efetivação de uma verdade e a incorporação dos indivíduos à esta em uma construção cuja essência é a emancipação. Os elementos subjetivo, político e

histórico, atribuem à Ideia Comunista seus predicados da subjetivação, da validade universal de uma verdade, além do conteúdo emancipatório de uma verdade política. Assim, a Ideia comunista dá corpo a renovação da Hipótese comunista ao resgatar a categoria de Verdade e incorporar a esta a subjetivação e a universalidade em uma perspectiva emancipatória. A perspectiva do comum, da realização da comunidade como verdade é igualmente relevante na presente discussão, de modo que será abordada em seguida. Sendo assim, pensar a Ideia comunista é pensar a verdade em sua categoria emancipatória, introduzindo este real, o real da emancipação no espaço simbólico da história.

4.6 A IDEIA COMUNISTA: REALIZAÇÃO DO COLETIVO COMO VERDADE

A Ideia Comunista, para além de seu conteúdo emancipatório, possui também um conteúdo amplamente influenciado pela noção do comum como verdade e de sua realização pela via da emancipação. Como já referenciado anteriormente por Žižek (2011) em sua discussão acerca da privatização dos espaços comuns e da necessidade histórica premente da sua reconquista, sob a égide da Ideia comunista o coletivo se realiza enquanto categoria de verdade emancipatória e portanto se contrapõe a subtração dos espaços comuns que se dá com inenarrável força nos dias atuais. A ideia comunista traz, assim, além da possibilidade da incorporação dos sujeitos à uma verdade emancipatória a ser inscrita no espaço simbólico como uma mediação entre o Real e lugar simbólico da história, uma revitalização e uma realização do coletivo como categoria de verdade política. As implicações desse procedimento ideológico denominado Ideia comunista é justamente a contraposição a hegemonia do Real do capital e a retomada da verdade na sua plenitude emancipatória.

Sob a égide da Ideia comunista, a hipótese comunista se renova e rompe às fronteiras do Real estabelecido, que como diz Badiou (1992, p. 218) coloca a comunidade como impossível. Diz o filósofo que sob a égide do Capital o imperativo é “*gouverne toutes tes actions et toutes tes pensées de telle sorte que ces actions et ces pensées attestent que la communauté est impossible. Ou ceci encore: agi sans idée*”¹³. Ou seja, que a existência deve traduzir-se na negação da comunidade, do comum como caminho impossível, que as ações não devem jamais estar orientadas por Ideias. E isto significa afirmar que o real da

¹³ Governe todas as suas ações de modo que tais ações et pensamentos atestem a impossibilidade da comunidade. Ou ainda: Aja sem Ideia.

emancipação não poderá, à partir dessa premissa, inscrever-se no espaço da história e realizar-se efetivamente pois, como afirma Badiou (1992) se deve agir, *a la lettre*, “*sans idée*”, sem Ideia.

Deve-se insitir aqui na discussão que Zizek (2011) faz em “Primeiro como tragédia, depois como farsa”, obra em que o título faz alusão à célebre frase de Marx em “O 18 Brumário” e que faz a provocativa proposição de que a historia nao se repete, senão como farsa. O título dado à obra não é mera coincidência mas uma paródia para o capitalismo de modelo neoliberal que da sua ascensão triunfante nos 1990 à sua crise político-ideológica nos anos 2000 e a crise econômica no ano de 2008, foi da tragédia à farsa e pela primeira vez desde sua ascensão enfrenta questionamentos.

O retrato que faz Zizek (2011) é o de um mundo fragmentado, privatizado, onde quase tudo foi apropriado pelo Capital. O abismo entre pobres e ricos se aprofundou a níveis brutais, a crise ecológica se anuncia em tom apocalíptico, a apropriação privada de todos os níveis da vida humana se dá à passos largos. É diante desse quadro que Zizek (2011) fala em uma “protelarização” de todos, uma vez que o quadro atual é de tal modo crítico que a existência da humanidade estaria ameaçada. Nesse sentido, nos encontramos todos em uma proletarianização que se refere à condição da própria existência. E assim, como já mencionado antes, Zizek (2011) menciona a urgência da reconquista dos espaços comuns e da radicalização da condição emancipatória cuja alcunha é o comunismo. O filósofo faz menção para referendar tal reflexão que o aspecto do abismo entre excluídos e incluídos, imprimindo à reconquista do comum e da emancipação a nuance da perspectiva classista e evitando o caminho da pós-modernidade.

A ideia comunista ressurgue, enfim, como Ideia que poderia construir a ponte mediativa entre o Real político e o Simbólico da História. O real da emancipação, da comunidade ao qual se incorporaria o individuo em um processo de subjetivação é essencialmente o que dá corpo da Ideia comunista como procedimento ideológico. E falar de Ideia comunista aqui, retomando o que disse Zizek (2011) acerca da urgência da reconquista dos espaços comuns, significa por conseguinte falar da comunidade, da emancipação, cujo portador é a Ideia comunista em sua renovação da histórica hipótese comunista. A urgência do meio ambiente devastado, da explosão da miséria, da brutal concentração de renda, da subtração de todos os espaços de vida, anunciam a evidência de que aparentemente o sistema capitalista não possui meios de reproduzir-se indefinidamente nos colocam em um momento decisivo. Diante disso, a reafirmação da Ideia comunista e da hipótese comunista ressurgem como alternativa que poderá levar à cabo a emancipação e o coletivo como verdades políticas.

Badiou (1992) evoca mais uma vez o imperativo da uma política de emancipação, que o filósofo denomina comunismo. Aqui, é importante examinar a citação de Badiou sobre o conteúdo emancipatório do comunismo e sua intrínseca ligação com a noção de comunidade. Diz Badiou (1992, p. 220, tradução nossa) que,

[...] Se assumimos contrariamente a esse veredicto, que uma política pode existir sob a égide de um pensamento, por conseguinte da justiça – porque justiça é apenas o nome filosófico da política como pensamento – se deve, então, levar em conta todas as consequências que tentarei demonstrar, a tese seguinte de que: que a comunidade seja o impossível não é empecilho algum ao imperativo da política de emancipação que denominamos comunismo [...].

Sendo assim, o filósofo acaba por ressaltar o elemento mais importante que constitui a Ideia comunista, isto é, o seu profundo sentido de emancipação e de realização da comunidade enquanto categoria de verdade política. O imperativo da emancipação é, portanto, aquele anunciado pela Ideia comunista e a consequente renovação da hipótese comunista. O impossível de nosso tempo, a comunidade, o comum, a possibilidade da emancipação se torna novamente possível mediante à Ideia comunista. Não é à toa, então, que Žižek (2011) faça menção ao problema da apropriação dos espaços comuns e a consequente apropriação da própria substância que todos compartilhamos enquanto humanidade.

Apropriado tudo aquilo que nos é de comum, somos conduzidos à uma proletarianização em escala global e isso se dá de tal modo que Žižek (2011) chega mesmo à debater que, como já mencionamos antes, não se perderão mais apenas os grilhões mais sim se corre o risco da perda de “tudo”. Aqui, é importante retornar ao ponto de partida e reafirmar o valor da Ideia comunista como “única” capaz de mediar a retomada da emancipação e do comum como categorias de verdade. A tarefa de se transformar o mundo, reabertos os portões da história, está novamente na ordem do dia e a Ideia comunista é, enfim, aquela que poderá mais uma vez dar vida a hipótese comunista, reiniciando mais um capítulo de sua história no que tange à emancipação humana.

Passaremos a seguir a uma contextualização da Ideia comunista e das novas possibilidades colocadas face ao despertar da história do qual fala Alain Badiou. Feita a contextualização mencionada, se “passará à” uma conclusão do presente trabalho, ressaltando mais uma vez a relevância da Ideia comunista como a Ideia que poderá renovar a hipótese comunista e assim, mais uma vez, inserir na história a categoria da emancipação e da comunidade.

4.7 OS HORIZONTES DA IDEIA COMUNISTA

Diante das transformações dos últimos tempos, a saber a crise econômica que eclodiu em 2008, as guerras no golfo pérsico, no Afeganistão, a primavera árabe, se coloca mais uma vez na ordem do dia a questão de se construir um novo caminho para a humanidade. O advento das Émeutes historiques procedeu à reabertura da história para a possibilidade do novo, o retorno da categoria de verdade política e do coletivo como verdade. Em face à reabertura da história e o renascer do novo, a Ideia também ressurgiu ao ocupar o horizonte de um futuro possível. E Badiou, assim como Žižek, propõe a Ideia comunista como sendo aquela que poderá ocupar essa lacuna surgida à partir do despertar da história. A ideia comunista e sua hipótese da emancipação e da superação do capitalismo como o subterfúgio necessário para a construção de um futuro distinto ao que Žižek (2011) debate como um futuro quase apocalíptico sob a égide do Capital. A profunda crise que vive o sistema capitalista e a reabertura de um futuro distinto possível fica também evidente nas palavras de Mészáros. Diz o filósofo húngaro,

[...] não somente os riscos estão aumentando e as confrontações se agudizando, mas também as possibilidades para um resultado positivo também estão postas numa nova perspectiva histórica. Precisamente porque os riscos estão crescendo e tornando-se potencialmente mais explosivos, o repositório de compromissos, que formalmente tem servido tão bem às forças do “consenso político”, está cada vez mais vazio, bloqueando certos caminhos e abrindo outros, enquanto demanda a adoção de novas estratégias [...] (MÉSZÁROS, 2011b, p.1063).

Nesse ponto Mészáros é conclusivo ao demonstrar que ao passo que o aprofundamento da crise do sistema abre espaço para o novo, este novo deve ser construído à partir de novas estratégias. Deve-se levar em conta também que a crise também dá ensejo a novos obstáculos, a saber obstáculos muito mais do campo ideológico, que é o caso do discurso pós-moderno e da extrema-direita. Assim, a proposta de Badiou e Žižek reside na retomada da Ideia comunista e de sua hipótese, recusando-se ao mesmo tempo o discurso sedutor da pós-modernidade e a extrema-direita. Assim, os muros ideológicos, além dos muros econômicos, deixarão de aparecer como únicas possibilidades e darão lugar a renovada hipótese comunista. O papel da Ideia comunista é recolocar em pauta a própria noção de Ideia, além da noção de verdade, ambas portadoras de um sentido emancipatório e comunitário enraizado, que constituirão o núcleo duro da resposta comunista às demandas colocadas pelas contradições do tempo presente.

A ideia comunista desmistifica a falácia da pós-modernidade e do discurso tradicional, propondo o retorno à histórica hipótese comunista sob a égide da Ideia comunista. A Ideia

comunista existe enquanto verdade política e sendo assim, tem o potencial de inscrever no espaço simbólico da história a emancipação e o coletivo, de fazer com que a hipótese comunista volte a ser a hipótese do século. Como constructo teórico que é, possibilita a reflexão em uma perspectiva de que se retome a emancipação, abandonada na última década, como horizonte possível. A lição que nos ensinam as *Émeutes* árabes, o movimento dos indignados na Espanha pós-franquista, os movimentos de *occupy-wall street*, é a de que a História sai definitivamente de sua aparente letargia e dá espaço a novas possibilidades de construção do novo. Mais do que isso, as *Émeutes* abrem espaço para o renascimento da Ideia comunista e da sua correspondente hipótese comunista. Em face às transformações que estão em curso e o horizonte de barbárie que se avizinha, duas questões principais estão postas: É a hipótese comunista a alternativa à barbárie capitalista ? Pode, renovada e alimentada pela Ideia comunista, que se renova também à partir das émeutes de nosso tempo, se converter em alternativa viável?

A seguir passaremos à reflexão final, na qual se procurará confirmar, por fim, a hipótese aventada no início do presente trabalho. Também se procurará expor mais uma vez o problema, encerrando afinal o debate aqui apresentado.

5 CONCLUSÃO: A HIPÓTESE COMUNISTA COMO ALTERNATIVA AO CONSENSO DEMOCRÁTICO-LIBERAL E AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

[...] Em definitivo, esse segundo manifesto resulta do fato de que esse momento atual, confuso e detestável, nos impõe ter que dizer que há verdades eternas na política, na arte, nas ciências e no amor. E que se nós nos armarmos dessa convicção, se compreendermos que participar, ponto a ponto, do processo de criação de corpos subjetiváveis é o que faz da vida mais forte que a vigilância, nós possuiremos aquilo que Rimbaud, ao fim de uma estação no inferno, desejava mais que tudo “A verdade, em uma alma e um corpo” Então nós seremos mais fortes que o tempo [...] (BADIOU, 2009, tradução nossa).

Um dos elementos reconhecidos por Badiou (2009) na formação da operação intelectual que constitui a Ideia comunista é o elemento subjetivo e a questão da verdade como categoria histórica e filosófica. Ao assumir o indivíduo sua capacidade subjetiva de incorporar-se à uma verdade política, isto é, a uma sequência historicamente situada de um processo de emancipação, este abandona o individualismo mesquinho e admite a possibilidade da construção do novo. Ao assumir a existência de verdades, se admite também, por conseguinte, a possibilidade de se transformar a realidade, de inscrever nesta uma nova sequência histórica, a sequência da emancipação. Badiou (2009) ao fazer menção ao processo de corpos de subjetivação e de verdades eternas, aponta que assim, apostando na possibilidade da criação do novo e da incorporação dos sujeitos à este novo, o da emancipação humana, é possível libertar-se das amarras de nosso tempo e proceder de fato a construção de uma outra realidade possível. Feito isso, se torna possível enfim ser mais forte que o tempo, já que a sua produção dependerá da ação dos sujeitos imbuídos de uma verdade coletivamente construída. A Ideia comunista, portadora da sequência de emancipação, se converte então no constructo de pensamento possível para que o real da emancipação enfim possa ser inscrito no espaço simbólico da história. A renovação da hipótese comunista, hipótese da superação do Real do capital e da construção de um novo possível, garantirá que se possa ser, mais uma vez, mais forte que o tempo, construindo-o, alimentando-o com a verdade da emancipação e a construção subjetiva de tal processo de verdade.

O constructo de “muros”, adotado como via de orientação para a discussão que se apresentou e que constitui o eixo principal do presente trabalho monográfico, teve como objetivo oferecer um lugar privilegiado de análise de alguns dos problemas contemporâneos que estruturam o que costuma se denominar “barbárie” capitalista. A miséria nunca é apenas intelectual, nem tampouco econômica. Sua expressão caracteriza em realidade o ethos de nosso tempo, dando a este, como na reflexão apresentada por Žižek (2011), contornos de barbárie permanente. Os “muros” que escondem as questões ideológicas e os que procuram

ocultar a trama econômica neoliberal são os mesmos que, articulados entre si, procuram obliterar e inviabilizar a construção de outras alternativas que sejam possíveis. O consenso que daí deriva, seja em sua forma pós-moderna, tradicional ou fascista, acaba por referendar a fórmula da democracia capitalista e, mais além, chega a negar a possibilidade da existência de um futuro que não exista sob a égide do consenso. A esquerda liberal, pretensa defensora da classe trabalhadora, encontra seu fracasso retumbante ao aceitar fazer parte do consenso capitalo-parlamentarista. O resultado da experiência ideológica do nosso tempo, guardadas as características processuais, é o de que tudo é possível ou, “quase” tudo. O impossível do mundo é pensar um outro possível, negando o projeto consensual dominante. É o impossível do coletivo, da emancipação, o impossível da comunidade, do “comunismo”.

Os “muros” de nosso tempo cumprem, assim, seu papel de ocultar as relações que legitimam o consenso da democracia capitalista. Seu contraponto é, no entanto, se mostra cada vez mais presente diante do aprofundamento das contradições no seio do sistema. As “*émeutes dais*” quais fala Badiou (2011) são justamente a expressão da agudização das contradições do capitalismo, o outro lado do sonho liberal. Sua eclosão traz para a ordem do dia questões como verdade, subjetividade, emancipação e, principalmente, da construção de uma nova temporalidade. A esse processo, Badiou (2011) dá o nome de “*Réveil de l’histoire*” ou, em português, o despertar da história de seu derradeiro sono neoliberal. A força do coletivo, a perspectiva do universal, o despertar do inexistente, passam a ser mais uma vez questões a serem pensadas. E se há algo que se deve ter em mente como lição das Émeutes é que, ao menos por hora, o consenso foi perturbado e algo novo está em processo de construção. A retomada da perspectiva da Ideia também é algo que se deve ter em mente e é justamente nesse espaço em que se inclui o debate da Ideia comunista, o olhar através dos “muros”.

A emergência da Ideia e, conseqüentemente, da Ideia comunista sinaliza para uma reflexão que nos possibilite enxergar para além dos “muros” de nosso tempo. Rompido o consenso, perturbada a ordem da democracia capitalista, ressurgue sob a égide da Ideia comunista e de sua hipótese, a verdade como categoria emancipatória, a possibilidade da construção de um Real que substitua aquele do capital, da opressão, da barbárie. A necessidade histórica se confirma, dia após dia, com a visão das Émeutes cuja expressão é o despertar da história. E a Ideia comunista cuja constituição de verdade emancipatória se apresenta como aquela que poderá, realimentada e renovada, proceder à sequência da transformação pela via da emancipação e sua conseqüente inscrição do espaço da história. A ideia comunista que rompe o consenso da democracia capitalista, que se nutre da experiência

histórica acumulada e das questões levantadas à partir do despertar da história e que, propõe, através da hipótese comunista a superação do capitalismo. Sobre a importância histórica e a validade da Ideia comunista diz Badiou (2010d, p. 260, tradução nossa) em “A hipótese comunista”,

[...] Em primeiro lugar, prover uma existência subjetiva vigorosa a hipótese comunista é a tarefa que todos nós reunidos aqui hoje estamos tentando cumprir à nossa maneira. E isto significa, insisto, em uma difícil tarefa. Combinando constructos intelectuais, os quais são sempre globais e universais, com experimentos de fragmentos de verdades, as quais são locais e singulares, ainda universalmente transmissíveis, podemos dar vida nova à hipótese comunista, ou melhor a Ideia do comunismo em consciência individual. Podemos inaugurar a terceira Era da existência da Ideia. Podemos, então devemos [...].

Sob a égide da Ideia, então, é que se pode retomar, pensando a Ideia comunista, a emancipação em escala universal. A Ideia comunista é o que possibilita que se olhe através dos muros erguidos pelo capitalismo de modelo neoliberal. Como alternativa ao consenso e tendo em vista a necessidade histórica de uma alternativa, se tem a Ideia comunista. E retomando o que disse Zizek (2011) em “Primeiro como tragédia, depois como farsa”, é hora de identificar que a falência ideológica e econômica que vivenciou o modelo neoliberal deu lugar a um novo sinal, o da crise do consenso. Não se trata, no entanto, de afirmar com absoluta certeza que a capacidade de renovação e o força do consenso se encontram de um todo debeladas. Se trata, ao contrário, de assumir a responsabilidade histórica e a urgência da alternativa expressa aqui pela hipótese comunista, viabilizada como constructo de pensamento pela Ideia comunista. Munidos de tal consciência histórica devem, segundo Badiou (2011), aqueles que a possuem, proceder à renovação e ao fortalecimento da Ideia comunista como aquela que pode dar lugar à emancipação.

Passaremos, em seguida, a reconstrução do caminho que nos conduziu, diante do problema apresentado, à construção da hipótese e à sua possível resposta.

5.1 O TRAJETO ATÉ A HIPÓTESE: REAPRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E A DISCUSSÃO ACERCA DA HIPÓTESE LEVANTADA

O fascínio com a economia globalizada e o fetiche com o mercado parece, pouco a pouco, perder força de argumento diante da crise econômica e ideológica que atravessa o sistema capitalista e que, com um exame minucioso, o põe em xeque. O advento das émeutes e a retomada da Ideia, sublinhando-se aqui a Ideia comunista, aponta para a possibilidade de novos caminhos. O problema apresentado se mostra como sendo a necessidade histórica, a

urgência de uma resposta à crise do sistema, crise esta que se manifesta das mais variadas maneiras. Da crise social à miséria política, a corrupção, a cooptação, a fragmentação da consciência, são todas formas de expressão da profunda crise que vive o sistema e fazem parte do problema que procurei levantar. A hipótese apresentada se soma à questão posta pelo problema e se materializa na busca por uma alternativa que aqui adquire a forma de uma Ideia, a Ideia comunista e sua hipótese comunista. Conjugados, problema e hipótese constituem um retrato mais amplo da problemática de se encontrar uma resposta viável à crise e ao próprio sistema. Encontrar uma saída que retome e renove as hipóteses históricas da emancipação humana e fazer com que se convertam em alternativas futuras parece ser, diante da dimensão da crise posta, o caminho a se trilhar.

A Ideia Comunista emerge da reaparição do advento da Ideia como categoria política que é, como meio de se refletir e de se conjugar as forças da transformação coletiva, da emancipação, da alternativa ao sistema capitalista e sua trama. A Ideia comunista, como portadora da sequência de emancipação, com seu profundo sentido coletivo, se contrapõe à apropriação do comum e propõe mais uma vez que se inscreve no ambiente simbólico da história uma construção de emancipação. Sua capacidade em se constituir, à partir da verdade política que a compõe, a verdade da emancipação humana, de congregar a figura do indivíduo em sua plenitude subjetiva de participar desse corpo de verdade, a verdade emancipatória, é o que a marca como Ideia. Além disso, seu conteúdo fortemente universalista e coletivo a fazem a Ideia que poderá se sobrepôr ao primado do privado, característica marcante do nosso tempo. A contribuição de Badiou e Žižek aparece justamente no sentido de demonstrar que a grande virtude da Ideia comunista é essencialmente seu conteúdo emancipatório, universalista e libertário, elementos sem os quais, ao que parece, não se poderá encontrar uma saída para a crise sistêmica do capitalismo. Ambos os pensadores apostam na figura da emancipação e do comum como essenciais ao processo de superação e se há uma face que se pode atribuir à Ideia comunista é justamente essa. Seu conteúdo a faz ser um instrumento privilegiado de reflexão e uma alternativa, ressurgida a partir do renascimento da Ideia apontada pelas Émeutes historiques.

Sendo assim, a Ideia Comunista, mais do que nunca, se converte na alternativa viável, no caminho rumo ao possível diante do obscurantismo do impossível. E por isto mesmo, é possível afirmar, diante das reflexões realizadas ao longo, que a Ideia comunista se confirma de fato como a alternativa almejada. Seu conteúdo emancipatório e universalista aparecem, diante da apropriação do coletivo, da miséria social e política, como a trajetória para o possível da retomada da hipótese histórica do comunismo como a hipótese da emancipação

humana. A hipótese, em face disso, se confirma e dá lugar à novos rumos a serem pensados com base na Ideia comunista, rumos estes que deverão apontar para uma saída anti-capitalista e emancipatória. Aprender com as émeutes também é fundamental, uma vez que destas renasce o potencial da busca pelo novo, se questionando a sua impossibilidade anterior. Não se deve, no entanto, supervaloriza-las, isto é, perder a real dimensão que possam vir a adquirir. Seu conteúdo, entretanto, sinaliza para um despertar da história e é justamente esse aspecto que deve ser celebrado para futuras análises.

A proposta de análise feita por Badiou nos leva a crer que a Ideia comunista poderá ser aquela que marcará o século XXI. Sobre isso diz o filósofo que,

[...] A ideia foi republicana por decênios, comunista “ingênua” no século XIX, e comunista Estatista no século XX. Proponhamos provisoriamente que ela seja comunista dialética no século XXI: o verdadeiro nome virá, às margens do despertar da história. [...] (BADIOU, 2011, p.98, tradução nossa).

O que parecem indicar as Émeutes de nosso tempo, bem como os *muros* que o caracterizam, é evidentemente a urgência de se superar o sistema capitalista. Em relação às Émeutes, também é possível afirmar que estas sinalizam o despertar de uma história que parecia ainda sofrer os efeitos do obscurantismo neoliberal. Para além de sinalizar a possibilidade de uma saída, as características levantadas por Badiou para, por exemplo, a émeute egípcia, propõe o despertar também do universal, do comum, da busca e da crença em um destino distinto ao que nos apontam como sendo o único possível. E é desses sinais que deverá se nutrir a Ideia comunista renovada, a Ideia cuja essência é a emancipação, necessidade esta que mais do que nunca é necessária, para não dizer imprescindível à própria sobrevivência da humanidade, além é claro da reconquista do espaço comum e, em última instância, dos destinos da humanidade.

Confirmada a hipótese da Ideia comunista como sendo aquela que poderá proceder à construção de um novo possível, deve-se então celebrar o despertar da história que possibilitou o renascimento da Ideia e por conseguinte, esperar pelos resultados dessas émeutes, isto é, aonde nos levarão. O tempo presente é, sem dúvida, uma incógnita e mencionar tal fato seria ressucitar o óbvio. Mais do que nunca, entretanto, o nosso tempo se mostra peculiar, com sua profunda confusão ideológica, com o avanço brutal do capitalismo neoliberal, com a crise econômica. Assim, dizer que vivemos tempos incógnitos não seria demasiado exagero do óbvio mais sim reconhecer seus limites e potencialidades. Não é o caso de dizer, no entanto, que se deve apenas esperar. A lição que se deve aprender com o despertar da história e com a Ideia comunista, é a de que a opção pela emancipação ainda é possível e que a Ideia comunista e sua hipótese, renovadas diante do despertar da história,

poderá se converter como alternativa. O comunismo, mais uma vez, como alternativa ao capitalismo, comunismo este renovado e nutrido da experiência histórica, comunismo dialético, comunismo da Ideia comunista.

“A tarefa a ser realizada é bem mais difícil: Se trata de repensar inteiramente o projeto da esquerda, de ir além da alternativa entre ‘o acomodamento’ às novas condições e o apego às velhas posturas” (ZIZEK, 2007, p.113, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir et al. (Org). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 205 p.

BADIOU, Alain. **Conditions**. Paris: Éditions du Seuil-Paris, 1992. 365 p.

BADIOU, Alain. De quel réel cette crise est-elle le spectacle? **Le Monde**, 27 sept. 2009. Idées. Disponível em: < http://www.lemonde.fr/idees/article/2008/10/17/de-quel-reel-cette-crise-est-elle-le-spectacle-par-alain-badiou_1108118_3232.html>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BADIOU, Alain. **Le réveil de l'histoire**. Clamecy: Lignes, 2011. 168 p. (Série Circonstances, 6).

BADIOU, Alain. **Peut-on penser la politique**. Paris: Éditions du Seuil-Paris, 1985. 119 p.

BADIOU, Alain. **Second manifeste pour la philosophie**. Paris: Flammarion, 2010. 130 p.

BADIOU, Alain. **The communist hypothesis**. London: Verso, 2010b. 279 p.

BADIOU, Alain. The communist hypothesis. **New Left Review**, v. 49, jan./fev. 2008.

DOUZINAS, COSTAS; ZIZEK, SLAVOJ (Ed.). **The idea of Communism**. London: Verso-London, 2010. 230 p.

MÉSZAROS, István. **A crise estrutural do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011a. 153 p.

MÉSZAROS, István. **Para além do capital**: rumo à uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011b. p. 1102.

PAULANI, Leda. **Brasil Delivery**: servidão financeira e estado de emergência econômico. São Paulo: Boitempo, 2008. 150 p.

ZIZEK, Slavoj. **Living in the end times**. London: Verso, 2011. 504 p.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011. 133 p.

ZIZEK, Slavoj. **Que veut l'europeu?** Paris: Flammarion, 2007. 198 p.